



Deolindo Augusto de Nunes Couto
Teresina, PI, 11/03/1902
Rio de Janeiro, RJ, 29/05/1992

Deolindo Couto: A Academia e a medicina

MURILO MELO FILHO

Deolindo Augusto de Nunes Couto foi um piauiense, que nasceu na sua Cidade de Teresina, dia 11 de março de 1902, há cem anos e dois meses, filho de um magistrado, Henrique José Couto e de Maria Nazaré Nunes Couto. E que morreu, aqui no Rio de Janeiro, aos 90 anos de idade, dia 30 de maio de 1992, há dez anos, portanto.

Estudou nos liceus de Teresina e de São Luís do Maranhão, vindo depois para Salvador, onde se matriculou na Faculdade de Medicina, contrariando a vontade do seu pai, que o queria formado em Direito.

Desde os seus tempos de acadêmico na Bahia, já demonstrava uma vocação inata para a Medicina, conquistando a invejável posição de primeiro aluno de sua Turma e transferindo-se depois para o Rio, onde finalmente se formou na Faculdade de Medicina do Estado.

Fundou e dirigiu o Instituto de Neurologia, instalado inicialmente aqui bem perto, na Rua da Glória. Foi médico do Serviço Nacio-

Conferência proferida na Academia Brasileira de Letras, durante o Ciclo Centenário de Deolindo Couto, em 7 de maio de 2002. O Acadêmico Murilo Melo Filho é jornalista. Escreveu centenas de reportagens sobre o Brasil, entrevistou personalidades do mundo inteiro e tem vários livros publicados, entre os quais *O modelo brasileiro* e *Testemunho político*.

nal de Doenças Mentais. Recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* das Universidades Federais da Bahia e do seu Piauí. Foi professor emérito, vice-reitor e reitor da Universidade do Rio de Janeiro. Pertenceu aos Conselhos Federais de Cultura e de Educação, sendo deste último seu presidente.

Elegeu-se membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Nacional de Medicina, à qual presidiu em três biênios descontínuos, além de pertencer a outras instituições científicas no estrangeiro, como membro honorário das Sociedades Espanhola, Francesa, Americana e Argentina de Neurologia, da Multiple Sclerosis Society, e sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

Foi delegado brasileiro na World Federation of Neurology e vice-presidente de congressos internacionais em Paris, Lisboa, Bruxelas e Roma.

A medicina foi sempre a sua predestinação, servindo-a com o espírito de cientista e destacando-se desde o início de sua carreira, no viés e na vertente de um admirável renovador.

Em 1944, publicou o livro *Clínica neurológica*. Em 1945, foi o autor de um trabalho sobre *O tremor parkinsoniano e a via piramidal*. Em 1961, escreveu o livro de crítica *Dois sábios ibéricos* e o livro de ensaios *Vultos e idéias*. Em 1976, publicou *Afrânio Peixoto, professor e homem de ciência*. E em 1980, *Clementino Fraga, o médico*, bem como numerosas conferências, relatórios, artigos e memoriais, publicados aqui e em vários outros países.

Em 1963, esta Academia se reuniu para eleger o sucessor do desembargador e poeta Adelmar Tavares, na Cadeira II. Havia vários candidatos, entre os quais Deolindo Couto, que se candidatava pela segunda vez. No dia 14 de outubro de 1963, logo no primeiro escrutínio, que durou exatamente treze minutos, Deolindo elegeu-se para esta Casa, aqui permanecendo 29 anos. A imprensa deu destaque à eleição, porque um competidor derrotado não se conformou com ela, atacou Deolindo violentamente e, até, logo depois, publicou um livro contra esta Academia.

A Cadeira II tem, como patrono, Fagundes Varela; como fundador, o grande artífice desta ABL, que foi Lúcio de Mendonça; como antecessores,

mais quatro juristas: Pedro Lessa, Eduardo Ramos, João Luís Alves e Ademar Tavares; e como sucessores: o antropólogo Darcy Ribeiro e o economista Celso Furtado, nosso querido confrade.

A solenidade de posse, realizada no dia 4 de dezembro de 1964, contou com a presença do Presidente da República, General Humberto de Alencar Castelo Branco, um cearense conterrâneo de Gustavo Barroso, um descendente de José de Alencar e um parente de Rachel de Queiroz, além dos ministros Luís Viana Filho, acadêmico e chefe do Gabinete Civil da Presidência; Flávio Suplicy, da Educação; Raimundo de Brito, da Saúde, e o Almirante Melo Batista, da Marinha; e também dos embaixadores da França, Paraguai e Portugal.

Em seu discurso de posse, proferido durante 80 minutos, o novo “imortal” começa dizendo: “Desde que aqui fui eleito, senti em mim, como nas redondilhas de Camões”:

[...] lembranças contentes
N'alma se representaram;
E minhas coisas ausentes
Se fizeram tão presentes
Como se nunca passaram.

Deolindo acrescenta: “Hoje, venho sentar-me numa poltrona iluminada pelas fulgurações de cultores do Direito e membros de altas cortes judiciárias.” Rejubilava-se depois por verificar que a Academia, sensível à influência das várias correntes do pensamento, elege candidatos das mais diversas áreas culturais: “Nesta prática, que Machado de Assis e Nabuco firmaram desde o princípio, residem a causa principal da nossa grandeza e o elemento fundamental do nosso prestígio.”

Aborda a seguir o entendimento da Medicina com as Letras, referindo-se ao caso do cirurgião e acadêmico francês, Henri Mondor, que nas pausas do seu trabalho, em uma ambulância de guerra, conheceu a grandeza de Mallarmé, iniciando uma exaustiva análise de sua poesia simbolista. E pergunta:

“Por acaso não estão na obra de Camões aspectos originais das doenças de então?

E William Litke, um grande ortopedista inglês, por acaso não encontrou em Shakespeare as anormalidades genéticas, descritas em Ricardo Terceiro?

E a doença de Pickwick, inspirada na rotunda e sonolenta personagem de Charles Dickens?

E a síndrome de Münchhausen, copiada do barão mitômano, que Erich Raspe tão bem descreveu?

E o complexo de *Alice no País das Maravilhas*, em que Charles Dodgson Lewis Carroll, o grande escritor inglês, expôs os distúrbios da personalidade, nos períodos de enxaqueca?

E o bovarismo, que Jules de Gaultier retirou da heroína de Flaubert?

E a epilepsia, referida várias vezes por Dostoievski?”

Deolindo Couto faz a seguir o elogio dos antecessores, começando pelo patrono, Luís Nicolau Fagundes Varela. E comenta os seus traços ciclotímicos, oscilante nas variáveis entre a alegria e a tristeza, numa excitação psicomotora e em sintomas de melancolia, agravados com o alcoolismo, as desventuras e tribulações sentimentais, o nomadismo e a instabilidade do humor, ora amoroso, ora elegíaco, ora patriótico, ora religioso.

Sobrevém seu salvamento num naufrágio do navio em que viajava do Rio para o Recife; a morte de um filho ainda pequenino, de três meses, e a seguir o falecimento da própria e bonita esposa do poeta, que legou ao patrimônio literário do País o “Cântico do Calvário”, um dos mais belos poemas da literatura brasileira. Tudo concorria para o estigma de sua existência, proscrevendo-o do convívio social e fazendo-o procurar no álcool o lenitivo e a própria inspiração – que levaram Sílvio Romero a rotular sua poesia de lirismo báquico. Seus estados oníricos, produzidos pela embriaguez, eram semelhantes aos de Hofmann, Poe, Schiller, Van Gogh e El Greco. Sob o efeito desse onirismo, Fagundes Varela versejava:

Pois bem, seja de vinho,
No delirar insano,
Que afogue minhas lágrimas, mesquinho!...

[...]

Mais vinho! Oh! filtro mago!
 Só tu podes no mundo
 Mudar os giros do destino vago,
 E fazer do martírio um doce afago,
 De uma taça no fundo!
 (“A diversão”)

[...]

Quero morrer! Este mundo
 Com seu sarcasmo profundo
 Manchou-me de lodo e fel!
 Minha esperança esvaiu-se,
 Meu talento consumiu-se
 Dos martírios ao tropel!
 [...]
 (“Noturno”)

Angustiado e sofrido, Fagundes Varela preocupou-se com os problemas políticos e sociais brasileiros, sobretudo a Abolição.

Os críticos costumam dizer hoje que ele foi um byroniano pessimista como Álvares de Azevedo; um indianista exaltado como Gonçalves Dias e um poeta social como Castro Alves. Estava participando de um banquete, quando, vítima de uma trombose cerebral, morreu prematuramente, com apenas 34 anos.

Sobre Lúcio de Mendonça, fundador de sua Cadeira, diz Deolindo que “foi um poeta lírico e jornalista combatente; um romancista e crítico; um magistrado e orador; um criador e crente nesta Academia, da qual se fez um pertinaz idealizador”. Foi um menino que aprendeu a ler sem professor, inaugurando-se na poesia com um livro prefaciado por Machado de Assis.

Ingressa na vida forense. Líder republicano, vai aos teatros e à praça pública, defendendo suas idéias, jamais, porém, abandonando sua poesia. E coroa a vida como Ministro do Supremo Tribunal Federal.

Na luta para fundar esta Academia, mobiliza todas as energias, investe contra hesitações e hostilidades e aplica a si mesmo a frase de Victor Hugo: “Escrevia com uma mão e combatia com as duas.”

Já cego e afastado de tudo, e um ano antes de morrer, recebe certo dia de Machado um exemplar do *Memorial de Aires*, recém-publicado. E agradece: “Deixe que lhe beije as mãos criadoras. Este seu será o primeiro livro que vou ler com os olhos de outrem.”



De Pedro Augusto Carneiro Lessa, o segundo ocupante da Cadeira de Deolindo, sabe-se que foi chefe de polícia em Minas, também ministro do Supremo Tribunal Federal, nomeado em 1907 e eleito para esta ABL, em 1910. Formou-se num ambiente positivista e evolucionista, influenciado pelas idéias de Comte e de Spencer. Às suas sessões no Supremo Tribunal Federal acorriam estudantes e profissionais do Direito, para ouvir-lhe a palavra oracular e a sentença justa.

Certo dia, segundo revela Castro Rebello, a consciência abriu-lhe as portas da Fé e ele morreu envolto na pureza das suas convicções.

De acordo com Deolindo, o baiano Eduardo Pires Ramos, um dos seus antecessores, foi um jurista, escritor e político, promotor e catedrático de Legislação Comparada. Na República, foi deputado e senador, tendo no ano de 1900 apresentado um projeto, depois transformado em lei, que reconhecia esta Academia como instituição de utilidade pública. Em 1922, elegeu-se para a Cadeira nº II, mas não chegou a ocupá-la, porque morreu antes.



O ocupante seguinte desta Cadeira foi João Luís Alves, um mineiro nascido em Juiz de Fora e integrante do grupo de Afonso Arinos, Carlos Peixoto e Mendes Pimentel, que ingressou no Ministério Público, passou à Magistratura e, como aconteceu com Lúcio de Mendonça e Pedro Lessa, chegou ao Supremo Tribunal Federal.

À semelhança do nosso prezado confrade Oscar Dias Corrêa, João Luís Alves transitou pelos três Poderes da República – o Judiciário, o Executivo e o Legislativo – porque foi promotor público, juiz municipal e curador de órfãos, transferindo-se para a advocacia e a política, quando se elegeu prefeito da cidade mineira de Campanha; foi, a seguir, deputado estadual e duas vezes deputado federal, além de senador, ministro da Justiça e do Supremo, onde se empossou dia 24 de janeiro de 1925. Em seguida, viajou para a Europa e, meses depois, faleceu em Paris.



Deolindo refere-se então ao seu antecessor direto, o também magistrado Ademar Tavares da Silva Cavalcanti, um pernambucano nascido no Recife (provavelmente, quem sabe?, até um ancestral do nosso confrade Evandro Lins e Silva), que já no seu primeiro mês de vida era transferido com a família para a cidade de Goiana, no interior do Estado, cujos sinos consagraria depois nos seguintes versos:

Sinos de Goiana, que saudade imensa
Trazem esses sinos ao meu coração.
Nove igrejas – nove – tocavam sinos:
Da Igreja da Misericórdia, por defuntos ricos,
Da Igreja do Rosário, pobre, por um negro irmão.

Ademar Tavares retorna com a família ao Recife e ingressa no Instituto Ginásial Pernambucano, onde mais tarde Múcio Leão e Barbosa Lima Sobrinho iriam encontrar vestígios de sua passagem. Entra depois para a Faculdade de Direito do Recife, cujas Arcadas haviam servido como palco de tribunos famosos, que pregavam a Abolição e a República. No Teatro Santa Isabel, escuta a palavra de Clóvis Beviláqua, “tão mansa quanto sábia”, e ouve a majestosa linguagem de Nabuco, que relembra, em sua última viagem ao Brasil, momentos dramáticos da Abolição.

Em 1910 chega ao Rio, é admitido no Ministério Público e, em 1940, é nomeado desembargador do Tribunal de Apelação do então Distrito Federal, onde lutou para conciliar a sua veia poética com os deveres da magistratura, tentando imitar Raimundo Correia, igualmente como ele, um misto de poeta e de magistrado.

Deolindo lembra ainda que Adelmar Tavares fora, sobretudo, um grande prosador e um excelente trovador.



Coube ao Ministro e Acadêmico Luís Viana Filho saudar o novo imortal. E leu um discurso que havia contado com a importante colaboração de Josué Montello e de Pedro Calmon. Começou fazendo votos para que Deolindo se sentisse inteiramente à vontade na poltrona “imortal” que Monteiro Lobato, nas cartas a Godofredo Rangel, confessou que tanto o assustava. E disse:

“Espero que não vos assusteis. Devo, porém, advertir que a nossa Academia é misteriosa, com segredos pelos quais pagamos um certo preço, pois existem os que não nos aceitam como somos.

As sucessões, nesta Casa, nem sempre têm muita lógica. Um orador sucede a um romancista ou vice-versa. Um poeta toma o lugar de um historiador.

Um médico sucede a um filósofo, um jornalista a um militar, e um esquerdistas a um candidato de direita.”

Já dizia Mário de Alencar: “Afim, não somos uma agremiação de sábios.”

Luís Viana Filho assinalou que jamais inscrevemos em nosso pórtico aquilo que, para afastar os profanos, se inscreveu na Academia de Platão: “Só entra aqui quem for geômetra.” E prosseguiu:

“Graças a isto, alimentamos o orgulho de termos elegido o cientista Osvaldo Cruz e o inventor Santos-Dumont, que certamente aqui não seriam eleitos

se lhes tivéssemos solicitado, como passaporte – e de suas autorias – um volume de poesias ou um romance”.

Neste assunto, a Academia Francesa – nossa matriz e nosso figurino – é muito sábia quando, nos seus quase 400 anos de existência, vem reservando uma cota para os notáveis: o fisiologista Claude Bernard; o químico Marcelin Berthelot; os marechais Foch, Weygand e Villars; o fundador e I^o presidente, Cardeal Richelieu; mais recentemente, o pesquisador Jacques Cousteau e o cineasta René Clair.

Enquanto isto, a Academia Francesa não teve, entre os seus membros, intelectuais importantes como Molière, Marivaux, Stendhal, Baudelaire, Flaubert, Zola e Balzac.

Mas, segundo informa o nosso Eduardo Portella, ela se penitenciou depois, inaugurando um busto de Molière, no seu teatro, com a seguinte legenda: “Rien ne manque à sa gloire; il manque à la nôtre.”

Victor Hugo foi recusado em três tentativas. Só conseguiu eleger-se na quarta vez. Em compensação, Henri Montherland, um arrepiado ouriço do mundo intelectual francês, foi eleito sem pedir um só voto aos acadêmicos.

Machado e Nabuco, prevendo as incompreensões que desabariam sobre o nosso telhado (e até mesmo para testar a sua solidez), já aconselhavam que deveríamos atrair para cá, também, os expoentes do País.

Talvez por tudo isto sejamos hoje a mais ambicionada instituição cultural do Brasil – e a que dispõe dos maiores índices de credibilidade pública – à qual a pátina do tempo, como queria Nabuco, tem acrescentado: solenidade, tradição e mistério.

Dirigindo-se ao novo Acadêmico, declarou Luís Viana Filho:

“Meu querido Deolindo Couto: fostes o último candidato a receber nesta Casa o voto de Carlos Magalhães de Azeredo, que era o único sobrevivente do quadro de fundadores desta Academia.

É luminoso o caminho pelo qual, partindo de onde nascestes, na Rua da Glória, em Teresina, chegastes até aqui, seguindo a frase de Maurice Barret, para o qual ‘cada um de nós segue a estrada que começa em sua aldeia’.

Foi também aqui, na Ladeira da Glória, que aquele menino do Piauí, nascido numa ruazinha do mesmo nome, iria inaugurar o Instituto de Neurologia, um dos monumentos que tanto glorificaram sua vida.

Passastes pela Vigésima Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia, com um grande professor, que se chamava Antônio Austregésilo.

Estivestes no Hospital Salpêtrière, de Paris, onde, certa manhã, o Professor Haguenu vos pediu que examinásseis um doente estranho, sendo depois por ele apresentado: ‘Ici, le Professeur Coutô, qui, ce matin, nos a enseigné, beaucoup’.”

E concluiu Luís Viana Filho:

“Aqui, os vossos admiradores de ontem serão os vossos companheiros de amanhã e de sempre. Lembro uma frase de Catão: ‘As raízes das letras são amargas, mas os seus frutos são doces’.

São estes os frutos que, entre nossas alegrias, estais hoje a recolher. Esperamos que eles vos sejam abundantes. E que possais continuar a colhê-los com a tranqüilidade de quem os semeou, penosamente.

Esses frutos maravilhosos vos pertencem. Eles são feitos de sonho e de ilusão, e, por isto mesmo, imperecíveis.

É esta a recompensa aos homens como vós, que passam pela vida inspirados num ideal de beleza, de ciência e de cultura.”

No dia 21 de agosto de 1964 Deolindo faz sua estréia aqui, como acadêmico, falando sobre o centenário da morte de Antônio Gonçalves Dias. Analisa a figura do poeta como cientista, suas origens raciais, seu tipo físico e sua formação intelectual:

“Gonçalves Dias foi membro do Instituto Histórico e viu-se convidado pelo Imperador Pedro II para importantes missões culturais. Ele foi um verda-

deiro nacionalista, tanto nas letras e na poesia, como no Magistério e na Ciência, através de uma grande obra realizada em apenas 41 anos de vida, cheia de sacrifícios, dissabores e doenças, com um casamento desastroso, uma esposa ciumenta e violenta, num relacionamento tempestuoso, cheio de brigas.

Criou a imagem épica e romântica do índio brasileiro, através de *Os Timbiras*, o *Dicionário da língua tupi*, *Os primeiros cantos*, os *Segundos* e os *Últimos cantos*, dos quais os pontos mais altos foram 'I-Juca Pirama' e 'Canção do exílio'. Nasceu no Maranhão, filho de um português com uma índia mestiça e cafusa, conterrâneo do nosso tão admirado Decano Josué Montello.

Depois, o pai se casou, abandonando a companheira indígena, e levando o menino para ser educado pela madrasta. Aos 13 anos, perdeu o pai; a madrasta, porém, financiou o seu projeto de estudar na Universidade de Coimbra, pela qual se bacharelou em Direito, retornando depois ao Maranhão.”

Segundo Deolindo, Gonçalves Dias atingiu o ápice da poesia nativa graças à sua força dramática e ao seu ritmo exuberante, com um indianismo que misturava o natural e o sobrenatural; o mítico e o lógico; o lendário dos índios e o universal dos cristãos.

Foi um virtuose nas *Sextilhas de Santo Antão* e, com José de Alencar, constituiu a “dobradinha” que libertou a incipiente literatura brasileira do colonialismo português.

Pergunta Deolindo: “Complexado, doente, vítima de muitos recalques e angústias – com um arsenal de tantos fatores contrários – como é que Gonçalves Dias conseguiu produzir uma obra tão fantástica, de tão variada criatividade e de tanto talento poético?”

Em 1862, ele vai à Europa, em busca de melhoras para a saúde já muito frágil e escassa, mas, em seu regresso, dois anos depois, a 3 de novembro de 1864, morre tragicamente no afundamento do navio *Ville de Boulogne*, à vista do litoral maranhense. Retido no camarote, tornou-se a única vítima do naufrágio.



Deolindo Couto foi um homem todo especial: ao mesmo tempo catedrático de Medicina, reitor da Universidade do Rio de Janeiro, presidente da Academia Nacional de Medicina, por três vezes e membro desta ABL, conferencista no Brasil e no Exterior, com viagens anuais à Europa, ainda conseguia manter um consultório, onde diariamente atendia a dezenas de clientes.

Mas não eram doentes do estômago, do fígado, dos ossos, dos pulmões ou dos rins, mas sim doentes da alma, da cabeça, do espírito, dos nervos e da psiquê, necessitados de tratamentos mais delicados, mais longos e mais trabalhosos.

Pois bem. Ao final do dia, naturalmente estressado, ele fechava o consultório e, em casa, refugiava-se em Camões, Camilo, Bilac, Euclides, Machado, Fagundes Varela e Gonçalves Dias.

Conseguiu a façanha de ser, simultaneamente, um grande médico e um admirável intelectual.

Deolindo foi também um pioneiro de grandes avanços na Neurologia brasileira, com novas e revolucionárias técnicas e procedimentos. Desenvolveu a angiografia cerebral, permitindo revelar radiograficamente a circulação do sangue no cérebro, após a injeção do contraste na artéria carótida. Introduziu a lobotomia pré-frontal, um processo cirúrgico muito eficiente no tratamento da paranóia e da esquizofrenia.

Josué Montello contou-me recentemente que, por volta de 1974, acordou certa noite sobressaltado com uma crise de labirintite. Tinha a sensação de estar a bordo de um navio, ondeante, em alto mar. Com o labirinto e o mundo a rodarem em volta de si, Josué recorreu a Deolindo, que facilmente lhe receitou alguns comprimidos, devolvendo-o à terra firme.

Certa vez, Deolindo recebeu, em seu consultório, um cliente com um caso complicado: tratava-se simplesmente de um marido traído e que chorava copiosamente a sua desventura conjugal. Depois de receitar-lhe um calmante, levou-o à porta e lhe disse, à guisa de consolo:

– Não se preocupe, meu filho, porque uma das poucas pessoas honestas na vida é mesmo a mãe da gente.

Numa quinta-feira, durante um dos nossos chás, Osvaldo Orico estava sufocado com um acesso de tosse, quando Josué Montello lhe deu uma pastilha de hortelã. Deolindo ia chegando, assistiu à cena e advertiu:

– Cuidado, Josué. Você pode ser processado por exercício ilegal da Medicina.

Ao aceitar outra pastilha, dada também por Josué, Deolindo acrescentou:

– E eu vou terminar depondo no processo, para testemunhar que também fui medicado por você.

Acadêmicos seus contemporâneos ressaltam hoje que, sob a capa de uma aparente mansuetude e tranqüilidade, se escondia um temperamento trepidante e inquieto, sempre apressado, com tiques e cacoetes nervosos.

Apoiando sua candidatura à presidência do Conselho Federal de Educação, Josué Montello foi pedir o voto ao Conselheiro Dom Helder Câmara, que ponderou:

– Mas Deolindo se mexe demais e tem um tique de cabeça muito nervoso.

Josué reagiu:

– Pois eu ainda hoje vim de Copacabana, como seu carona, ele no volante e nada nos aconteceu.

E Dom Helder:

– É, Josué, você tem o corpo bem fechado e um santo muito forte.

Na presidência do Conselho Federal de Educação, Deolindo destacou-se como um homem capaz e enérgico. Havia um conselheiro muito omissivo, que quando comparecia, era em rápidos minutos, permanecendo de pé e bem próximo da saída. Numa dessas poucas freqüências, Deolindo aproveitou-se dela:

– Colocarei agora este parecer em votação, velozmente, para usufruir da presença do nosso Conselheiro, tão arisco e tão fugaz.

Deolindo foi, ainda, um discípulo da medicina judaica de Romberg e da medicina francesa de Jean-Martin Charcot, mestre de Freud e da patologia nervosa, com a definição dos primeiros sintomas da histeria. (Ficaram famosas as aulas de Charcot no Hospital Salpêtrière. E algumas doenças hoje trazem o seu nome.)

Deolindo tinha também uma especial admiração por mais dois estrangeiros: um era Maurice Godeket, médico e literato francês, que aos 75 anos já se considerava um excedente da vida; e o segundo era Antônio Caetano de Abreu Freire Egas Moniz, o grande cirurgião português, que foi depois deputado, embaixador em Madri, presidente da Academia das Ciências de Lisboa, deixando mais de trezentas obras e recebendo, em 1939, o Prêmio Nobel de Medicina.

Deolindo foi igualmente um médico e um cientista atento e antenado aos solavancos modernizadores e aos cânones de sua profissão.

Dizem os Acadêmicos Antonio Olinto e Carlos Heitor Cony que nele se distinguia justamente esta sua competência profissional, como neurologista, misturada às preocupações literárias, como intelectual. Revelava sempre uma cultura-surpresa para todos quantos o viam apenas como médico. E afirmam os confrades Marcos Almir Madeira e Sergio Corrêa da Costa que jamais alguém o consultou sobre uma dúvida nas letras que não saísse com uma solução e uma resposta certas. Dominava os horizontes culturais com um espírito de ampla sabedoria. Era um esplêndido expositor, com controle absoluto sobre a seqüência do seu pensamento: ia sacando as citações numa ordem impecável, como se houvesse gavetas em seu cérebro privilegiado.

Ao falar nesta Casa, a todos surpreendia com verdadeiras aulas de erudição, nas expressões e imagens de que se utilizava e nas invocações e referências que enriqueciam seus textos. Era um senhor absoluto e dominador da palavra escrita e falada, que manejava como um exímio mágico e maestro, na orquestração e regência de suas frases. Fetichista da palavra, tinha por ela verdadeira obsessão, com o bom gosto de construir uma oração bonita e correta.

Geraldo França de Lima – grato pelos votos que dele recebeu – afirma que seus discursos eram límpidos e fluentes. E eu acrescento que eles não tinham um adjetivo a mais e um advérbio a menos, que transcorriam, escorregadios, como um rio no seu talvegue, a deslizar de sua nascente até o estuário no oceano.

Em sua vida, combinou maravilhosamente a arte de medicar com a magia de escrever, com o brilho próprio de um homem que, oriundo das humildes terras do seu Piauí, dedicara toda a sua vida à medicina e às literaturas brasileira, portuguesa e universal.

Camiliano fanático, chegou a possuir uma das maiores coleções bibliográficas sobre Camilo Castelo Branco, do qual costumava dizer:

Órfão muito moço, tentou, como eu, estudar Medicina. Mas, diferente de mim, estudou Direito e foi seminarista na Cidade do Porto, sendo, depois, um jovem atormentado e boêmio, nos mundéus e armadilhas de muitas aventuras sentimentais, entre as quais Ana Plácido, com quem passou a viver quando já tinha 38 anos de idade. Esteve em vários empregos, sempre mal remunerado.

Como jornalista, viu desabrochar todo o seu vigor de literato, sendo um dos mais versáteis escritores de Portugal: escrevia artigos sobre os mais diversos assuntos, e, não raro, sobre mais de um, por dia.

Entre 1851 e 1890, ao longo de quase 40 anos, Camilo escreveu mais de duzentas e sessenta obras, com a média superior a 6 por ano, num tempo em que eram redigidas à mão, sem máquinas datilográficas ou computadores.

E quando morreu, deixou publicados vários romances, entre os quais *Anátema*, o primeiro deles, além de uma massa enorme de textos inéditos: comédias, folhetins, poesias, ensaios, prefácios, traduções e cartas — todo esse material escrito com assinatura própria ou pseudônimos, como Manoel Coco, Saragoçano, A.E.I.O.U., Árqui-Zero e Anastácio das Lombrigas, numa das mais prolíficas e fecundas obras da literatura lusitana.

Apesar de toda essa fecundidade, Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco não permitiu que ela prejudicasse a sua beleza idiomática e a dimensão do seu vernáculo, que o transformaram numa das maiores expressões como mestre da língua portuguesa.

Face a tudo isto, por ele eram enormes a veneração e o respeito de Deolindo.



Existe geralmente nos médicos, como existiu em Deolindo, uma atração pelas inquietações literárias. São mestres do bisturi, das seringas, das receitas, das radiografias, dos laudos e dos estetoscópios, mas também amantes da literatura, que nos interregnos de suas atividades profissionais encontram refúgio, bálsamo e refrigério num romance, num ensaio ou num poema.

Nesta Academia, Deolindo prosseguiu na linhagem dos magníficos médicos e cientistas, alguns dos quais por aqui haviam passado antes dele, e outros foram aqui seus contemporâneos, como os que se seguem:

Primeiro, Francisco de Castro, baiano, segundo ocupante da Cadeira 13, professor de Clínica Médica e autor de *Harmonias errantes*, um livro de poesias.

Segundo, Osvaldo Cruz, da Cadeira 5, pioneiro da Medicina Experimental, que erradicou a febre amarela no Rio de Janeiro, instituindo a vacina obrigatória, a qual, precisamente às 19 horas do dia 14 de novembro de 1907 (véspera do aniversário da República), provocou uma rebelião na Escola Militar da Praia Vermelha, com 200 alunos marchando para o Catete, sob o comando do General Travassos e do Senador Lauro Sodré, numa baldada tentativa para deporem o Presidente Rodrigues Alves, bisavô aqui do nosso dileto confrade Afonso Arinos de Melo Franco. No último ano de sua vida, Osvaldo Cruz foi prefeito de Petrópolis.

Terceiro, Aloísio de Castro, sucessor de Osvaldo Cruz na Cadeira 5, poeta, prosador e autor de obras musicais, literárias e médicas, como *Semiótica do sistema nervoso* e *Distrofia gênito-glandular*, além de *Caminhos* e *Canto do Senhor*.

Quarto, Fernando Augusto Ribeiro de Magalhães, obstetra e ginecologista, que deixou mais de 200 títulos publicados, fundou a Pró-Matre, dirigiu a Maternidade do Rio de Janeiro, presidiu esta Academia de 1929 a 1932, elegeu-se para a Constituinte de 34, reelegendo-se em seguida, mas sendo cassado pelo Estado Novo em 37. Foi também um excepcional orador.

Quinto, Miguel Couto, da Cadeira 40, reformou o ensino de Clínica Médica, presidiu durante vários anos a Academia Nacional de Medicina, autor de *Diagnóstico precoce da febre amarela* e *A gangrena gasosa fulminante*. Foi também deputado na Constituinte de 34, morrendo logo no primeiro ano do mandato.

O sexto, Miguel Osório de Almeida, quis ser engenheiro mas terminou médico. Criou a teoria matemática da radioterapia. Representou o Brasil na UNESCO. Aqui, ocupou a Cadeira 22. Foi Doutor *honoris causa* das Universidades de Paris, de Lyon e de Argel. Escreveu o I^o volume do seu *Tratado de fisiologia* (que deixou incompleto), além do romance *Almas sem abrigo*.

O sétimo, Antônio Austregésilo Rodrigues Lima, pernambucano e mestre de Deolindo, com um renome que ultrapassou as fronteiras do país. Usava o pseudônimo de Antônio Zilo e foi incluído entre os escritores da segunda geração simbolista. Cultivou vários gêneros literários. Autor de *Conceito clínico das psico-neuroses* e mais dois livros de prosa poética, com os títulos de *Manchas* e *Novas manchas*.

O oitavo, Clementino da Rocha Fraga, baiano, da Cadeira 36, representou o Brasil no XVII Congresso Internacional de Medicina, em Londres. Pertenceu às Academias de Medicina e de Letras, sendo em ambas colega de Deolindo. Publicou *Fronteiras da tuberculose*, além de livros sobre Osvaldo Cruz e Afonso Celso.

O nono, Júlio Afrânio Peixoto, também baiano, doutorou-se com a tese *Epilepsia e crime*. Foi diretor do Instituto Médico-Legal. Elegeu-se para a Academia Nacional de Medicina e para esta ABL, da qual foi presidente em 1923, recebendo do governo francês o Petit Trianon, edifício construído para ser o pavilhão da França no centenário da nossa Independência, situado neste endereço da Av. Presidente Wilson, 203. Afrânio escreveu os romances *A Esfinge*, com grande sucesso, *Maria Bonita*, *Fruto do mar*, *Sinhazinha*, *As razões do coração* e *Uma mulher como as outras*, tendo sempre as mulheres como principais atrizes e agentes na trama e na urdidura dos seus enredos. Foi deputado federal pela Bahia, de 1926 a 1930.

Décimo, João Guimarães Rosa diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de Minas e durante dois anos clinicou em Itaúna. De regresso a Belo Horizonte, atuou como médico voluntário junto às tropas que combatiam o movimento constitucionalista de São Paulo, ingressando poucos meses depois na Força Pública de Minas, como capitão-médico. Entrou depois na carreira diplomática, servindo em Hamburgo, Baden-Baden, Bogotá e Paris.

Nomeado Ministro de Primeira Classe, chefiou o Departamento de Fronteiras do Itamaraty. Recebeu o Prêmio Machado de Assis desta Academia, pelo conjunto de sua obra. Em 1937, havia estreado com *Sagarana*, uma coleção de contos. Publicou depois o livro de novelas *Corpo de baile*, o romance *Grande sertão: veredas*, mais dois livros de contos, *Primeiras estórias* e *Tutaméia*, além de uma reportagem poética, *O vaqueiro Mariano*. Foi um inovador vocabular, com sua linguagem regionalista. Elegeu-se para a Cadeira 2 desta Academia em 1963, mas só se empossou quatro anos depois, dia 17 de novembro de 1967, vindo a falecer três dias depois.

Décimo primeiro, João Peregrino da Rocha Fagundes Júnior, docente de Clínica Médica e presidente da Políclinica Geral do Rio de Janeiro, tendo publicado: *Biometria na educação* e *Biotipologia pedagógica*, além de dois livros de contos: *Matupá* e *Puçanga*, depois reunidos em *Histórias da Amazônia*, além do ensaio *A doença de Machado de Assis*. Sempre convivendo com Deolindo, pertenceu à Academia Nacional de Medicina e a esta ABL, da qual foi presidente no biênio 1956-57.

Décimo segundo, Maurício Campos de Medeiros, da Cadeira 38, que se especializou em Psiquiatria, freqüentando cursos sobre o sistema nervoso em Paris e Viena. É autor de *Psicoterapia e suas modalidades*, *Aspectos da psicologia infantil* e *O inconsciente diabólico*, além dos livros *Segredo conjugal*, *Rússia* e *Folhas secas*. Ministro da Saúde nos governos Nereu Ramos e Juscelino Kubitschek, Maurício de Medeiros foi, nesta Casa, contemporâneo de Deolindo. Morreu tragicamente, aqui bem perto da ABL, atropelado por um automóvel oficial, que conduzia o Ministro e Acadêmico Luís Viana Filho.

Décimo terceiro, Antônio da Silva Melo fez cursos de Clínica Médica na Suíça e na Alemanha. Seus livros extrapolaram os limites da Medicina, para alcançar as fronteiras da antropologia, da moral e da filosofia. Publicou *Alimentação no Brasil*, *Religião: prós e contras* e *Estudos sobre o negro*. Empossou-se na Cadeira 19, convivendo nesta ABL com Deolindo Couto.

Décimo quarto, Carlos Chagas Filho (o único deles todos que aqui conheci pessoalmente) organizou o Instituto de Biofísica. Foi presidente da Academia

Brasileira de Ciências e da Academia Pontifícia, além de embaixador do Brasil na UNESCO. Durante vários anos ocupou a Cadeira número 9, convivendo também aqui com Deolindo.

Além destes 14 médicos e cientistas, tivemos também Ivan Lins e Afrânio Coutinho, confrades de Deolindo e diplomados em Medicina, mas que não exerceram a profissão, um, atraído pelo positivismo e outro pela crítica literária.

Temos ainda o nosso estimado Ivo Pitanguy, que aqui conviveu com Deolindo, sendo hoje um dos maiores nomes da cirurgia plástica em todo o mundo e que estará participando deste ciclo de palestras.

(Cada um deles, com biografias tão ricas, estaria a merecer uma palestra à parte, que seguramente será feita no seu devido tempo.)



No dia 9 de abril de 1992, há dez anos portanto, esta Academia comemorou o nonagésimo aniversário de Deolindo Couto.

Falaram diversos acadêmicos, entre os quais Lêdo Ivo e Alberto Venancio Filho, unânimes em reconhecer as imensas qualidades humanas do homenageado, que, segundo Arnaldo Niskier e Tarcísio Padilha, era uma figura patriarcal, o papa de toda uma geração de médicos, o excelso acadêmico, já então pertencente a uma limitada grei de nonagenários.

Adoentado e não podendo comparecer a essa homenagem do dia 9 de abril, Deolindo veio à sessão seguinte e nela agradeceu os discursos da semana anterior:

Eu não pensei que ainda podia ser alvo das eloqüentes palavras dos meus companheiros. Estou nesta Academia há quase trinta anos. Quando aqui entrei, fiz uma profissão de fé e, nela, como exórdio, declarei que era um médico e nada mais do que isso.

Quando medito sobre minha carreira profissional, acho que o destino me foi excessivamente pródigo, porque, nas rotas e veredas que percorri, para levar-me aonde a vida me conduzia, tive alguns triunfos e muitas compensações.

Estou entrando na faixa etária dos 90 anos, onde encontro, já instalados, três outros colegas de velhice: Aogar Renault, Austregésilo de Athayde e Barbosa Lima Sobrinho.

Quero dizer-lhes apenas, imitando aquela anciã, personagem de Machado, que, nesta Casa, pretendo viver, no mínimo, mais 20 anos.

(Mal sabia Deolindo que estava falando aqui pela última vez e fazendo as suas despedidas, pois, atingido por uma parada cardíaca, viveria apenas mais dois meses.)

Assim foi em vida o acadêmico e o médico Deolindo Augusto de Nunes Couto, cujo centenário de nascimento foi celebrado recentemente.

Carlos Nejar afirmou certa vez que poderia repetir Camões e dizer: “Deolindo viveu, morreu e partiu, primeiro.”

Ao fim dos seus 90 anos, parafraseando Afrânio Peixoto e Pirandello – segundo o qual “La vita si vive e si scrive” – na sepultura de Deolindo Couto poderia ter sido gravado um curto epitáfio que ele, aliás, em vida, sugeriu: “Estudou, ensinou, procurou curar e tudo leu. Nada mais lhe aconteceu.”

Deolindo Couto: Ciência e humanismo

CELSO BARROS FILHO

~ I. A história numa visão poética

Na passagem do centenário de Cristino Castello Branco, amigo e conterrâneo de Deolindo Couto, afirmávamos como orador da sessão solene promovida pela Academia Piauiense de Letras, em sua memória:

Quando, num centenário, apelamos para a contingência do tempo, circunscrevendo a homenagem a um acontecimento, em torno de um grande homem, não é propriamente o tempo que estamos contando, é a eternidade do espírito que estamos vivendo. É necessário que o espaço e o tempo sejam iluminados pela presença de alguém que se colocou acima deles, os transcendeu e sublimou, para podermos então dizer, com Emerson: “O tempo e o espaço são apenas cores fisiológicas que a vista elabora. Mas a alma é luz. Onde ela está é dia. Onde ela esteve é noite.”

Um século, na perspectiva da vida de um homem, ou na existência de uma instituição, nos dá o sentido do que é real e simbólico, do

Conferência proferida na Academia Brasileira de Letras, em 14 de maio de 2002, durante o ciclo em homenagem ao centenário do nascimento de Deolindo Couto. Celso Barros Coelho Filho, professor titular de Direito Civil na Universidade Federal do Piauí e presidente da Academia Piauiense de Letras, é autor de vasta bibliografia na área do direito, política, sociologia e história.

transitório e do definitivo, do que é essencial e acidental, do que explica o homem na sua transcendência e do que o projeta na sua individualidade.

Goethe, na sua genial intuição, via na História a “misteriosa oficina de Deus”, e é nessa oficina que os grandes espíritos forjam o seu saber, revelam a sua grandeza, sem perder, em certas circunstâncias, a idéia da tragédia que a alguns envolve profundamente, nela encontrando, por vezes, a fuga às suas paixões ou a explicação do trânsito da mortalidade para a imortalidade.

Esta Academia guarda com respeito e orgulho o eco de muitas vozes imortais que aqui vieram atraídas pela chama que ilumina o seu cenário, de tanta riqueza espiritual, de permanente devoção aos valores culturais, seu amor ao passado e sua confiança na construção do futuro. É aquela Academia dividida ao meio, como dizia Joaquim Nabuco, na sua sessão inaugural, dividida entre os que vão e os que vêm chegando.

São dois momentos diferentes, momentos para nós visíveis, um alongando-se no tempo pretérito, para nos colocar na perspectiva dos que se foram, e o outro, no futuro, na expectativa dos que ainda virão.

Aí temos a unidade do espírito acadêmico que dá o sentido da imortalidade de que todos vós, acadêmicos, desfrutais.

Também aqui e agora recolhemos uma dessas vozes distantes que explica de certa forma este centenário.

Lembro uma das vozes que a tragédia abafou, a tragédia em que sucumbiu Stefan Zweig. Ao agradecer ele, neste recinto, a saudação que lhe fez a Academia, na palavra de Múcio Leão, em janeiro de 1966, não foi à Academia que se dirigiu. Foi ao Brasil. É que, na Academia, via a consagração do espírito nacional, o mesmo espírito que a animou desde os primeiros momentos e que Machado de Assis tão bem expressou ao manifestar o desejo de que fosse missão da Academia “conservar, no meio da federação política, a unidade literária”. E essa unidade refletia-se não num desejo vago e artificial, mas no sentimento de amor à língua nacional, que é o nosso patrimônio comum e inviolável, a marcar, numa direção firme, os destinos e as conquistas do nosso povo.

Não passou despercebido ao pensador austríaco, naquela oportunidade, esse traço definidor da alma nacional, na referência às raízes latinas de nossa língua, verdadeiro contraste – dizia ele – entre um povo novo e jovem, que habilmente usa como instrumento “uma língua velha, experimentada e amadurecida pela tradição, numa mistura que tanto nos enriquece”. E exortava falando aos acadêmicos de então: “Não precisais forjar a arma com que conquistareis o mundo espiritual, mas dareis a essa arma novo impulso e nova durabilidade.”

Tal louvor de um estrangeiro ao nosso idioma, muito do agrado de uma academia de letras, estava na mesma linha daquela veneração que Olavo Bilac exprimira em belíssimo soneto e que neste mesmo recinto realçava, na sua prosa ática, ao saudar um companheiro que chegava: “A língua que trabalhais não veio até vós, recebendo enxurradas em desvãos de matas suspeitas; veio de longe, sim, mas por frescos e límpidos álveos, aceitando afluições de águas transparentes, enriquecendo-se com o tributo de mananciais bem batidos, e guardando a clareza e a simplicidade nativas. É velha e viajada, mas legítima: e por isso mesmo preciosa, como os vinhos velhos e os velhos livros.”

Sob o signo dessa tradição, que a Academia tanto preza e venera, é que encontramos o fio da história na sua visão poética, a respeito da qual o mesmo Stefan Zweig escreveu uma das mais belas páginas, mostrando que “o seu desfecho não se pode adivinhar de antemão, pois é rica demais para repetir-se e variadíssima para deixar-se calcular”. E prossegue: “Ela maneja os mais elevados artificios do verdadeiro poeta que, quando modela um poema ou uma tragédia, deixa o espectador até o último instante na obscuridade quanto ao desfecho que torna realidade o mais inverossímil e em que cada esperança torna a surpreender e a exceder.”

E, voltando-se para essa história, contempla os seus contornos para dizer: “Só ela é livre, e da liberdade faz uso restrito e sábio.” E a todos exorta: “Tenhamos, pois, mais respeito por essa intangível poetisa! Será eternamente nossa mestra, nosso exemplo inatingível.”

Essa é a história que ilumina o passado desta Academia. De Machado de Assis, um dos fundadores e seu primeiro presidente, até o presidente atual,

Alberto da Costa e Silva, o que presenciamos e divisamos é a constante presença dessa mestra, mestra da liberdade criadora, à qual não é estranha “modalidade alguma da técnica e da arte” e à qual também “todos os estilos lhe são familiares”.

Num espírito como Deolindo Couto era bem vivo e profundo o sentimento que devotava a essa mestra, a história desta Academia, em que se insere a data comemorativa deste centenário, com o qual tributamos o preito de admiração a um homem para quem “a procura da Sapiência era o máximo conforto da vida”.

~ II. Confissão de humildade

Em discurso na Academia Nacional de Medicina, Deolindo Couto, falando de si mesmo, se apresentava como “um humilde servo da Medicina”. Aí está uma confissão de humildade a revelar nele um espírito superior, submisso às exigências éticas da profissão, para ele impostas não como convenção de um mero dever formal, mas como emanações da lei, a que rege o nosso próprio ser.

Se nisso se resumisse o seu apostolado, teríamos, sem dúvida, apenas um expoente da Medicina, um notável mestre que tanto ilustrou a cátedra, um estudioso a produzir obras científicas que o projetaram internacionalmente, ensinando nos grandes centros em que a ciência médica tanto avançou, desde a formação da “*Civitas* hipocrática”, por ele lembrada naquele mesmo discurso como “a mais famosa escola médica da Antiguidade, tornada célebre porque ali se caldearam todas as correntes do pensamento, providas de todas as partes, do Oriente às regiões nórdicas e consubstanciadas em livros que asombrom ainda hoje a generalidade dos historiadores”.

Essas correntes do pensamento são uma herança da *Paideia* grega, já que a Medicina, como nos mostra Werner Jaeger no seu livro notável, se enquadra perfeitamente dentro da antropologia filosófica de Platão e, por isso, “concentrando-se num terreno parcial da existência humana, o do corpo, alcança co-

nhcimentos de decisiva importância para a composição filosófica de uma nova imagem da natureza humana e, portanto, para uma mais perfeita formação do homem”.

Esse terreno Deolindo Couto o palmilhou em toda a sua extensão, sempre à procura dessa composição filosófica, que o levou, de um lado, às investigações científicas e, do outro, ao estudo da natureza humana, para tornar-se também um humanista.

Os que sobre ele se têm pronunciado, em momentos solenes como este, não deixam de ressaltar essa dupla vertente de sua personalidade, a traduzir uma vocação para o estudo da ciência médica e também para o cultivo das belas letras.

A Academia Brasileira de Letras, que o acolheu no seu seio, levou em conta essa formação intelectual, vinculando-o, portanto, como salientou o Acadêmico Josué Montello, em artigo em sua homenagem, “à estirpe dos grandes médicos que souberam ser, na instituição criada por Machado de Assis, exemplos superiores da concordância da arte de escrever com a arte de curar”.

Não seria Deolindo Couto um mestre da Medicina e um cultor das letras se não tivesse a mente moldada à contemplação do lado espiritual do homem, onde se revela o ser sensível, o artista, com a capacidade de exercitar o talento pelo lado da emoção e fortalecer a vontade na busca do seu ideal.

Também aqui Deolindo Couto é o homem superior, que sabe viver na plenitude do seu ser moral e intelectual, que o tempo só faz engrandecer, pois ele mesmo sente quão poderosa é sua influência. Lembre-se passagem do discurso pronunciado na inauguração da sala das congregações do Centro de Ciências Médicas da Saúde do Rio de Janeiro, cujo trecho relembramos:

Não se apagam em minha retentiva os sítios e os espíritos que os povoaram. Do vestibulo amplo aos jardins internos, das galerias adornadas com as efígies dos que ali doutrinam às largas escadarias, dos laboratórios aos anfiteatros, da nobre sala de diretoria à congregação, tudo passeia cinematograficamente na memória de quem ali deixou tantas horas álacres de sua mocidade.

~ III. Sinais da vocação

Chegamos aqui ao ponto culminante de onde é mais fácil contemplar a figura de Deolindo Couto. Contemplá-la após cem anos em que nascia naquela pequena cidade do começo do século, Teresina, no Estado do Piauí.

De lá vim como representante da Academia Piauiense de Letras, para associar o nome do Piauí a esta homenagem, nesta tarefa difícil e enriquecedora, que é aproximar o regional e o nacional, de que seja possível formar o quadro de uma visão universal. O regional, que é mais uma emanção da natureza e o nacional, que se projeta mais como uma conquista da inteligência. Àquele somos ligados pelo nascimento, sem a consciência do que iremos ser ou fazer. Este, mais o resultado de uma obediência à lei da vida a que nos submetemos ao nascer e de onde se irradia a fé que nos impulsiona para as conquistas futuras.

Já sentindo, desde a meninice, o fascínio dos grandes vãos ou, como ele próprio diz, “a sensação de que avulta o lauréu com que o destino nos galardoa”, assumiu desde então aquela atitude “carlyleana” de olhar os grandes homens para neles ganhar alguma coisa”, como salientou no seu discurso de posse na Academia Nacional de Medicina. E ganhou muito, primeiro no aconchego familiar, com a meninice e adolescência norteadas pelo próprio pai, cuja figura austera e sábia ele relembrou naquela oportunidade como “homem da lei, magistrado e professor de Direito, detentor de todas as honrarias da província e hoje somente dono da serenidade de espírito que, como um halo divino, envolve os que vivem na preocupação obsedante da justiça”.

É sob a inspiração desse primeiro protótipo, na elevação do amor e da gratidão ao pai, que ele nos fala dessa primeira quadra da vida, onde já se formam bem nítidos os sinais de sua vocação profissional.

Relembra ele:

Os primeiros tempos da vida correram-se placidamente numa cidade do interior nordestino e lá recebi, ministrada por aquele a instrução primária e parte da secundária.

Surgiu-me o pendor profissional naquele recanto, onde não havia senão um velho médico, beatificado pela gratidão de todos, que, sem exceção, eram seus clientes e, sem discrepância, gratuitos. Lembro-me de que, certa vez, me caiu sob os olhos um periódico ilustrado da Capital da República e diante dele fiquei embevecido durante longos minutos, a admirar um grupo de estudantes vestidos nos seus aventais brancos, ao lado do inconfundível na sua barbicha de então: este era Austregésilo. Tenho a impressão de que, naquele instante, escolhia minha profissão e elegi o meu futuro orientador. Realmente, quando, anos depois, cheguei ao Rio, estava o eminente professor no fastígio de sua fama e dele pude haver ensinamentos que me foram decisivos.

Esse o seu primeiro herói carlyleano, a que outros se seguiriam, criando estímulos, orientando a vocação profissional, aclarando o roteiro de uma vida voltada sobretudo para o estudo do homem e para o amor à ciência, com a distinção fundamental entre o puro saber empírico, separado do puro saber científico, para chegar, num momento de conciliação e fusão, ao saber sintético, que é o saber filosófico.

E nem se diga que a Medicina prescinde deste saber. E se nos faltassem argumentos para demonstrá-lo, bastaria que recorrêssemos a um filósofo da estirpe de Descartes, cuja obra se apega à lógica para chegar à antropologia, com a preocupação de revelar “um completo saber de todas as coisas que o homem pode conhecer não só para ter uma regra em sua vida, como para a conservação da saúde e a invenção de todas as artes”.

A síntese programática da obra cartesiana contempla a Medicina como uma de suas partes. É o que ressalta do seguinte tópico dos seus *Principia*: “Toda filosofia é, assim, como uma árvore, cujas raízes são a metafísica, o tronco é a Física e os ramos que saem desse tronco são as outras ciências que se reduzem a três, a saber: a Medicina, a Mecânica e a Moral; considero a Moral como a mais profunda e mais perfeita pois, pressupondo um conhecimento integral das outras ciências, é o último grau da sabedoria.”

A formação humanística de Deolindo Couto, humanismo mais próximo da antropologia de Descartes do que da fabulação exemplar de Erasmo ou da

utopista de Thomas Morus, levou-o à compreensão da Medicina desde o período de renovação com Hipócrates, passando por Galeno e Aristóteles, até as mais recentes descobertas de Claude Bernard, Morgagni e Pasteur. Ouça-se esse trecho do seu citado discurso:

Deve-se a fama de Hipócrates, homem acima de tudo sensato, a ter rompido com a magia e os bruxedos, a dramaturgia e os exorcismos, para firmar a necessidade de uma orientação objetiva dos fenômenos mórbidos. Do grego genial surgiu a Medicina científica, da astrologia proveio a corte, felizmente ainda considerável, dos exploradores e inconscientes. Pasteur é outro marco na história da humanidade, porque nunca respondeu aos teóricos, que se lhe opunham, com frases patéticas e argumentos escusos, senão com os seus tubos de cultura e suas experiências de vacinação.

Em nome da ciência condena a charlatanice. Em nome da verdade científica considera construtiva a crítica feita “por pessoas de boa fé ou por homens de gênio”. E daí dizer, numa demonstração do vasto conhecimento da literatura clássica: “Ninguém negará a Rabelais, no século XVI, o importante papel da evolução da Medicina, como ninguém o fará em relação a Molière no século XVII, porque as suas tremendas sátiras libertavam o pensamento oprimido dos pesquisadores, incapazes de propugnar suas idéias, pelo classicismo ou pelo preconceito das escolas oficiais da época.”

Com essa bagagem de cientista e de humanista, lançou-se Deolindo Couto à conquista da cátedra na Faculdade Nacional de Medicina. Esse o primeiro e elevado degrau de onde partiu para novas conquistas, em que podia dizer, lembrando o Discurso do Método de Descartes: “Eu tinha sempre um extremo desejo de aprender a distinguir o verdadeiro do falso, para ver claro em minhas noções e caminhar com segurança nessa vida.” Esse é o desejo do cientista, do filósofo, dos homens que vivem e trabalham em função dos superiores desígnios do espírito, em busca da glória verdadeira, não para satisfazer ambições ou egoísmos, mas para dar à ciência o relevo com que torna mais compreensiva e digna a existência humana.

Os títulos que conquistou, autênticos e inúmeros, servem para mostrar a insatisfação do seu espírito na procura do saber, a audácia na conquista da verdade, o sentimento de solidariedade com o ser humano, este por certo o móvel principal de sua afeição à medicina, a que se dedicou como um servo e também como um apóstolo e que reverenciou pelos benefícios trazidos à saúde do corpo e do espírito.

De todas as ciências, nenhuma, como a Medicina, se aproxima tão estreitamente do ser humano, pois, onde há um sofrimento, onde desponta uma dor, onde o corpo ferido ou a alma atormentada buscam o lenitivo adequado ou a presença confortadora, lá está ela presente. O remédio para a dor, seja física ou moral, não vem apenas como fruto da razão humana. O sofrimento leva os homens a apelar para a divindade, na esperança de que também aí encontre o remédio. E à divindade atribuía-se nos tempos antigos a invenção na arte de curar. Fora ela, segundo Ovídio, em suas *Metamorfoses*, uma invenção de Apolo: *Inventum medicinae meum est*. Se dos deuses foi a invenção da medicina, dos homens veio a capacidade de conservá-la para o bem de todos.

~ IV. Medicina e letras

Ao justificar, em seu discurso de posse nesta Academia, a sucessão de Ademar Tavares, destacou o “entendimento da medicina com as letras” e o fez demonstrando o conhecimento de ambas, no passado e no presente. E nos veio com esta indagação:

Poderá, entretanto, um médico, que se confessa esmagado pelo dever de cada hora, falar de um poeta? Não serei o primeiro a fazê-lo e – perdoai-me que assim me exprima – é bem que se introduza na apreciação do artista um elemento de outra esfera.

Nada mais adequado a uma resposta a tal indagação do que o diálogo do *Banquete* de Platão.

Comemorava-se, em reunião festiva, o triunfo da arte teatral de Agáton. Os excessos cometidos no primeiro dia deixaram os convivas cansados e indispostos.

Mas a festa deveria continuar. Foi então que um dos participantes, já agora contando com a presença de Sócrates, propôs que, ao invés de beberem, como no dia anterior, ali ficassem a discutir e que cada um fizesse o seu discurso. E foi um médico, Exímaco, que sugeriu que os discursos tomassem por tema *eros*, o amor. Todos concordaram. E chegando a vez de Exímaco, assim falou: “Vou iniciar o meu discurso pela medicina, a fim de que minha arte seja a primeira a ser louvada.” E dava, em seguida, a razão pela qual se revelava o excelente médico:

Aquele que suscita o aparecimento de amor onde não havia amor, e onde não obstante era necessário, e elimina um amor existente quando pernicioso, esse, inegavelmente, merece o título de excelente médico.

[...]

Procura criar amizade entre os deuses e os homens, porque só ela sabe tudo o que há de santo e de ímpio nas inclinações humanas.

Analisando o discurso de Exímaco, observa Jaeger que, na sua intervenção, o médico fez do *eros* uma potência alegórica tão universal que a sua substância corre o risco de desaparecer no seio do geral.

O que fez Deolindo Couto nesta Academia, ao substituir um poeta e falar de poetas com brilho e propriedade, foi elevar o seu discurso, nesta parte, a uma potência alegórica de conteúdo universal, como fazem os poetas no cultivo dessa amizade entre os deuses e os homens para descobrirem o que há de santo e de ímpio nas inclinações humanas.



Ao comemorarmos o centenário de Deolindo Couto, o ponto de partida é a Rua da Glória, em Teresina, onde nasceu no dia 11 de abril de 1902. Foi caminhando por essa rua, nos dias longínquos da infância que chegou até os umbrais desta Academia, aberta de par em par para recebê-lo, numa festa que Luís Viana Filho, ao saudá-lo, acreditou ser a festa dos seus sonhos. E assim falou:

Por isso, na noite em que festivamente vos recebemos na Casa de Machado de Assis, culminação de toda uma vida gloriosa consagrada à cultura, é-me grato acentuar que a glória tem sido, na ordem geográfica e no plano do espírito, o ambiente natural e o termo de vossas jornadas, como se a ruazinha de Teresina, que vos acolheu quando chegastes ao mundo, tivesse verdadeiramente o simbolismo daquela estrela cadente que riscou o céu no instante do nascimento de Liszt.

Essa festa agora se renova, não mais sob a impressão de sua presença física, mas da presença espiritual, nesse simbolismo em que a forma efêmera cede lugar à forma eterna, na qual se convertem as realizações da inteligência e do saber.

Não fosse assim, impossível seria contarmos, ao nosso lado, com a presença de Deolindo Couto, projetada em sua condição de professor, cientista e de homem de letras.

~ V. Ascensão profissional

Atraído para a Medicina, nela encontrou a plenitude de sua realização pessoal. A cátedra marcou o encontro com as novas gerações, no convívio das quais, por mais de quarenta anos, aprimorou os conhecimentos científicos e cultivou a bondade do coração. Nisso seguiu o roteiro traçado, com sabedoria, por um de seus mestres, Miguel Couto, também luminar desta Academia, da estirpe dos grandes médicos que enriqueceram os seus quadros.

Dizia Miguel Couto, numa lição que encantava os jovens do seu tempo e continua sendo atual para os de hoje e de amanhã:

Amai a Ciência, mas notai bem que é no coração que está o segredo do homem e a perfeição de nossa espécie.

Foi no trato diuturno com o sofrimento humano, que aprendi a colocar a bondade acima do conhecimento.

Foi precisamente essa a pauta pela qual Deolindo modelou a vida profissional. Amava a ciência porque lhe conferia segurança na discussão dos temas de sua especialidade e o levava a compreender o universo intelectual em que se elaboraram os conhecimentos na área médica, desde suas origens na cultura helênica. E sempre que discorria sobre qualquer assunto, transformava o saber científico em mensagem de compreensão humana. Tinha o dom da comunicação e fazia da palavra o discurso perfeito, dirigido para o entendimento, despidido de retórica e cheio de sabedoria.

Em discurso de saudação ao sucessor de Deolindo Couto na Cadeira 2 da Academia Piauiense de Letras, o médico Dagoberto Carvalho Júnior destacou sua atividade docente e literária, com as seguintes palavras:

Suas aulas, e foram tantas em espaços escolares, assistenciais, associativos e acadêmicos de que dispôs – testemunham os que tiveram o privilégio de ouvi-las – não ensinavam apenas neurologia ou medicina interna. Transmitiam, também, a didática do vernáculo e da erudição. Vencedor dos primeiros concursos, já em 1942 veio-lhe a consagração – em parte literária – da Academia Nacional de Medicina, que guarda, desde 1829, boa parte da melhor tradição cultural do país, abrigando de cientistas puros a intelectuais médicos. Deolindo Couto satisfaz e superou as exigências, ocupando a cadeira que invoca o alto patronato de outro grande piauiense (de Oeiras), Pedro Francisco da Costa Alvarenga. O discurso de posse, circunstancialmente impregnado do patriotismo que o tempo de guerra justificava, extravasa-o sem, no entanto, trair o estilo que já se vinha definindo desde a leitura e o domínio absoluto da obra notável de Camilo Castelo Branco.

Luís Viana Filho, por sua vez, assim se expressa no citado discurso:

As vossas orações e conferências, que formaram e dão vários volumes, têm tudo o que pudicamente ocultáveis no medo – que não nos perdoamos – de trair, com as amenidades do espírito, as exatidões da medicina. Levam todas o cunho da eloquência plasmada na frase escorreita; aligeiram-se na beleza da forma; ganham com a adjetivação rica e relevo literário; compaginam-se entre as antológicas, de que nesta Academia estão

cheios os anais, onde tanto reluziram Aloísio de Castro, Austregésilo, Fernando de Magalhães, Miguel Couto, Miguel Osório de Almeida; e ensinam, e se fazem aplaudir e amar, Clementino Fraga, Silva Melo, Maurício de Medeiros, Peregrino Júnior.

Já é tempo de particularizarmos sua atuação na área médica, e sobretudo no campo de sua especialidade – a neurologia.

O roteiro de sua ascensão profissional começou no Liceu Piauiense, onde fez os exames parcelados exigidos na época, passando, em seguida, ao Liceu Maranhense e daí seguindo para a Bahia, o caminho natural por que haveria de passar, ali cursando o I^o ano da Faculdade de Medicina. A meta final era o Rio de Janeiro, cujo ambiente cultural lhe acenava para vôos mais altos. Formara-se em 1926 com a apresentação de uma tese, *O clone no pé*, com a qual já demonstrava a sua preferência pelos estudos de neurologia, em que haveria de tornar-se uma das maiores autoridades do país e do exterior.

Chamando-lhe a atenção, no meio acadêmico, um quadro de doutorandos que dizia “Médicos [...] nunca se formam”, sentiu a necessidade de entregar-se diuturnamente ao estudo que desvenda, em muitos pontos, os segredos de sua ciência médica. E indagava, sob a inspiração desse lema: “Não está aí a essência daquilo que hoje se chama a formação contínua do médico?” e que não é apenas um dever destes, mas também um direito dos doentes? “E não está também aí a principal razão de ser das Academias?”

O dever do médico, como imperativo da consciência profissional, e o direito dos doentes, como expressão da dignidade humana, harmonizando-se, assim, a responsabilidade do cientista e o ideal do humanista.

O dever do médico conduzia-o ao recolhimento do gabinete para o estudo aprofundado dos problemas suscitados pela ciência médica. De lá voltava à sala de aula ou ao plenário das conferências nacionais e internacionais para o debate dos temas versados, em tudo conduzindo-se com equilíbrio, que é fruto do saber e com devoção, que é dádiva do espírito. O Cientista e o Humanista se completavam e como tal se revelou em todo o longo período em que pontificou como docente e como catedrático, culminando essa carreira na Faculda-

de Nacional de Medicina, no ensino de Clínica Neurológica. Para colocar-se mais perto dos doentes, pensando as suas feridas e dando-lhes confiança no tratamento clínico, passava das salas de aula ou do recinto dos laboratórios ao ambiente dos hospitais. O seu trabalho aí tornou-se por demais conhecido na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, onde exercera as funções de chefe do serviço clínico, e no Hospital Nacional D. Pedro II.

Sua projeção internacional levou-o a participar de congressos em outros países, como nos informa Pedro Vilarinho Castelo Branco em artigo inserido na publicação “Deolindo Couto, *in memoriam*”:

O brilhantismo de Deolindo Couto fez com que ele alcançasse espaço a nível internacional, principalmente quando presidiu a Delegação Brasileira nos Congressos Internacionais de Neurologia em Paris (1949), Lisboa (1953), Bruxelas (1957) e Roma (1961). Seu vasto currículo evidencia que escolheu o lugar e o caminho certos para quem desejava alcançar notoriedade nacional – o Rio de Janeiro, que era seu espaço de luta e a vitrine ideal.

Aí estão enfiados vários depoimentos de contemporâneos de Deolindo Couto, no exercício do magistério no Rio de Janeiro, e de algumas figuras de piauienses, com a apresentação do Professor Manuel Paulo Nunes, que teve o cuidado de enumerar outros títulos importantes que exornam a personalidade do homenageado, a saber:

Professor, escritor, cientista, conferencista, membro da Academia Brasileira de Letras, da Academia Nacional de Medicina, da Academia Piauiense de Letras, ex-reitor da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, ex-presidente do Conselho Federal de Educação e membro do Conselho Federal de Cultura, além de outros títulos relevantes, Deolindo Couto a todos ilustrou pela sua competência, pelo seu exemplo de amor à cultura e pelo brilho de sua invulgar inteligência.

Se a atração pela medicina, em Deolindo Couto, aflorou naquele primeiro contato com um modesto médico de província, no interior do Maranhão, o

seu amor pelas letras e pela cultura clássica já foi um incentivo do próprio pai, em cuja biblioteca se alinhavam algumas obras representativas do pensamento filosófico da época, na versão do Positivismo de Comte, do Naturalismo de Heckel e Spencer e nas polêmicas de Tobias Barreto. E não faltavam ali as obras-primas de autores brasileiros e portugueses – os nossos clássicos –, a cuja leitura se entregava com amor e paciência, assimilando o seu estilo, e penetrando os arcanos da vernaculidade.

As correntes de idéias que então surgiram, tendo como ambiente central a Escola do Recife, não abalaram apenas as velhas estruturas do dogmatismo católico ou da escolástica de Santo Tomás. Penetram também as escolas de Medicina, sendo aqui a figura mais notável a do médico e educador Luís Pereira Barreto, nascido no Rio de Janeiro e formado em Bruxelas, que desempenhou, na área médica, o mesmo papel que Tobias Barreto desempenhara na área jurídica. Ambos revolucionários das idéias do seu tempo.

Adepto do positivismo de Augusto Comte, Barreto considerava a lei dos três estados “como a lei que rege a história da medicina”. E segundo o espírito dessa lei, que abolia todo tipo de privilégio e exclusivismo, assumira posição contrária à corrente que defendia a regulamentação do exercício da medicina contra o curandeirismo. E assim argumentava: “Se o curandeirismo é uma ‘chaga social’, é preciso compreender que o seu êxito exprime, entretanto, o próprio estado mental do povo que o consagra. Combater os curandeirismos, fetichistas da medicina, sem perceber a causa que os explica – a ignorância popular – é consagrá-los na clandestinidade.”

Mais do que a defesa de um postulado filosófico, era a observação de um fenômeno social, a explicar os contrastes da realidade do país, na diversidade de sua cultura, na marginalização do nosso povo, no privilégio das elites e no artificialismo de nossa organização institucional.

Tanto nas Faculdades de Direito como nas Faculdades de Medicina – e eram poucas até então – a influência do credo positivista se fez sentir, derivando ainda para o cenário político com o fortalecimento das oligarquias regionais e a instauração do Estado autoritário, com a revolução de 1930.

Ao iniciar Deolindo, na Bahia, o seu curso médico, na década de 20, o ambiente intelectual já era outro, em face das mudanças que se vinham operando na Europa, depois da I Grande Guerra, nos domínios da literatura, da política, da economia, da ciência e da filosofia, com reflexos em nosso meio, já em condições de absorver as novas correntes de idéias que dominavam o cenário internacional.

Uma das particularidades dessas mudanças, no plano do conhecimento científico, foi a autonomia de cada disciplina, de onde se partia para a especialização, libertando-se, portanto, das leis ou dos esquemas abstratos que o positivismo ensinava. Assim, nas Faculdades de Medicina os estudos se voltavam para a produção científica e, entre nós, tal se tornou uma necessidade, pois, como acentua Pedro Vilarinho Castello Branco, “as epidemias de cólera, febre amarela, varíola, entre tantas outras, apontavam o caminho a ser seguido pelos médicos pesquisadores brasileiros”. Entre estes ressalta ele as figuras de Osvaldo Cruz, Adolfo Lutz, Vital Brasil e Carlos Chagas.

Na Bahia, onde iniciara Deolindo seus estudos e passara breve período, destacavam-se as figuras de cientistas como Nina Rodrigues e Juliano Moreira, o primeiro notável pelos seus estudos de etnologia e de Medicina Legal, e o segundo no ramo da psiquiatria, da Escola alemã de Emil Kraepelin. Nesse ambiente, era lembrada ainda a figura de Afrânio Peixoto, luminar desta Academia, tão admirado por Deolindo que chegou a escrever sobre ele um rico ensaio, focalizando sua figura de professor e homem de ciência.

Como sabemos, o Rio de Janeiro e não a Bahia foi o centro das atividades de ambos, Afrânio já professor, quando Deolindo ali chegara para continuar os seus estudos médicos. Merece destaque a confissão lançada naquele livro: “Não recolhi a honra de ser aluno de Afrânio na Faculdade porque, no meu 6^o ano de curso, o Mestre desempenhava o mandato no Congresso Nacional, e era interinamente substituído por Auzier Bentes. Conservo, porém, dos vários contatos pessoais que mantivemos, imorredouras lembranças.”

O magistério de Deolindo Couto levou-o a ombrear-se com as maiores figuras da Medicina do país, o que o estimulou ainda mais ao estudo, à pesquisa

científica, à elaboração de trabalhos especializados, todos a revelarem não apenas o cientista, mas o intelectual de formação clássica e humanista com justa projeção nos centros médicos do país e do exterior. Entre suas produções científicas destacam-se o *Tremor parkinsoniano e via piramidal* e *Doença de Charcot Marie Tooth*. Fora dessa especialidade escreveu *Vultos e idéias* e *Dois sábios ibéricos*, em que traçou o perfil intelectual de Ramon y Cajal e Egas Moniz.

Nesta Academia ingressou fazendo uma confissão de humildade, que é sinal de nobreza de espírito e de independência intelectual.

Se, como afirma o filósofo John Dewey, “os homens são governados pela memória mais do que pelo pensamento”, porque “a memória não é a recordação dos fatos reais, e sim uma associação, sugestão, fantasia dramática”, explica-se por que Deolindo, ao ingressar nesta Casa, tenha cedido aos apelos da memória, justamente para dar ênfase ao contraste entre a glória daquele dia e a imagem do que ficara do passado distante, a Rua da Glória onde nascera, a primeira escola, o primeiro professor, a casa paterna, o ensino ministrado pelo pai, tudo isso traduzido simbolicamente nas redondilhas de Camões, por ele recitadas:

[...] lembranças contentes
N'alma se representaram;
E minhas coisas ausentes
Se fizeram tão presentes,
como se nunca passaram.

São essas coisas ausentes, as coisas aqui relembradas, que dão sentido a este centenário, onde memória e pensamento se renovam para tornarem mais vivas as imagens do passado e mais compreensivas as coisas do presente.

Se pudéssemos, neste momento solene, dialogar com Deolindo Couto, ele nosalaria de novo dessas coisas ausentes, e nós, encantados com sua palavra, diríamos que aqui está presente sua terra natal, orgulhosa por vê-lo figurar como membro desta Academia e dela receber os aplausos desta homenagem, em nome da inteligência brasileira.

~ Bibliografia

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discursos acadêmicos*, Tomo I, vol. I (1897-1919); *Discursos acadêmicos*, Tomo VI, vol. XVII.
- COUTO, Deolindo. *Afrânio Peixoto – Professor e homem de ciência*. Rio de Janeiro, Livraria Editora Cátedra / Instituto Nacional do Livro, 1976.
- DEWEY, John. *A filosofia em reconstrução*. S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 1958.
- HUGO de São Vitor. *Didascálicon da arte de ler*. Petrópolis, Editora Vozes, 2001.
- JAEGER, Werner. *A Paidéia - A formação do homem grego*. Martins Fontes / Ed. da Universidade de Brasília, 1989.
- MARQUES, Jordino. *Descartes e sua concepção de homem*. Petrópolis, Edições Loyola, 1993.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates – Banquete*. São Paulo, Ed. Martin Claret, 2000.
- BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A evolução do pensamento de Pereira Barreto*. São Paulo, Editora Grijaldo Ltda., 1967.
- ZWEIG, Stefan. *A marcha do tempo*. Obras Completas, vol. VIII. Rio de Janeiro, Ed. Delta S.A.
- VÁRIOS AUTORES. *Deolindo Couto – in memoriam*. Coletânea de artigos Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Teresina, 1996.

Deolindo Couto: Médico e humanista

IVO PITANGUY

Na verdade, senhor Presidente, Embaixador da Costa e Silva, senhor Ivan Junqueira, minhas Senhoras e meus Senhores, ao pedirem para eu dizer estas palavras sobre Deolindo Couto senti que seria minha obrigação trazer para aqueles que não o conheceram um pouco de sua vida e de suas realizações, que foram muitas. Eu diria que Deolindo Couto foi uma figura de médico e humanista.

“O mundo é tão vazio se pensarmos apenas em montanhas, rios e cidades... Mas conhecer alguém que pensa e sente como nós, e que, embora distante, está perto em espírito, isto é o que faz da terra um jardim habitado.”

Conheci o Professor Deolindo Couto durante uma recepção, na antiga Embaixada da Espanha no Rio de Janeiro. Impressionou-me sua elegância natural, sua postura austera, que após alguns momentos de conversa revelou um fino senso de humor. Eu era então um jovem médico e retornava ao Rio de Janeiro, após uma intensa peregrinação pelos Estados Unidos e pela Europa, onde fora especiali-

Conferência
proferida na
ABL, durante o
Ciclo *Centenário
de Deolindo Couto*,
no dia 22 de
maio de 2002.

zar-me em cirurgia plástica. Esta ausência prolongada havia me furtado, até então, a convivência com esse grande cientista.

Através dos anos, pude acompanhar a trajetória do Professor Deolindo Couto como pioneiro da Neurologia brasileira, colocando-o ao lado de grandes vultos da medicina do nosso país, como Miguel Couto, Osvaldo Cruz e Carlos Chagas.

“Quando se vivem os instantes supremos, tudo o que passou aflora suavemente à lembrança, e em tudo, até nos menores contrastes ou coincidências, descobrem-se motivos de encantamento.” Com estas palavras Deolindo Couto iniciou o seu discurso de posse nesta Academia.

Hoje, vivemos momentos de encantamento, ao relembarmos com admiração a figura desse professor, médico e humanista que engrandece a história da medicina e da literatura brasileira.

Deolindo Augusto de Nunes Couto nasceu em Teresina, Piauí, em 1902, filho do desembargador e professor de Direito Henrique Couto e de Maria Raimunda de Nunes Couto, de antiga família de Oeiras, primeira capital do Estado. Sua mãe era descendente do português José Luís da Silva, cirurgião-mor e primeiro médico do Piauí.

Deolindo Couto manteve fortes os laços que o uniam ao seu Estado natal; tinha orgulho de ser piauiense. Orgulho maior sente o Piauí que, entre outras homenagens, perpetuou o seu nome no hospital de Oeiras.

Seu pai, lembrança permanente em sua vida, foi o seu primeiro mestre. Homem culto, dedicava as suas manhãs a ensinar aos cinco filhos e a outras crianças da vizinhança. Nessa época a família morava em Brejo do Anapurus, sertão do Maranhão, onde ele exercia a função de juiz de Direito. Através dele o jovem Deolindo conheceu o fascínio da literatura, que o acompanharia por toda a vida.

Orientado pelo Dr. Henrique Couto, foi aprovado com louvor nos exames preparatórios da época, tanto em Teresina como em São Luís, onde complementaria os seus estudos secundários. Na capital maranhense, o adolescente Deolindo viu-se diante de um intenso movimento estudantil voltado para as

coisas do espírito. Atraído por este instigante mundo novo, filiou-se a duas instituições literárias, participando da fundação de uma delas. Em Salvador, já na Faculdade de Medicina, fez parte de uma sociedade cultural moldada como uma academia, com patronos e cadeiras. Estes seriam os primeiros passos de um caminho profícuo que o levaria, no futuro, até à presidência do Conselho Federal de Cultura.

“A Medicina é muito absorvente”, dizia Deolindo Couto. “Tendes agora o médico que não poderia disfarçar a quase exclusividade de sua condição e nem pretendeu fazê-lo, escravizado como é a uma atividade, no seu egoísmo, dominadora.” Mas a dedicação à Medicina não diminuiu o seu encanto pelas coisas da vida, despertado quando ainda menino, pelos ensinamentos de seu pai.

No seu discurso de membro titular da Academia Nacional de Medicina recorda que sentiu inclinação para a Medicina quando morava em Brejo dos Anapurus, inspirado na figura de um velho médico sertanejo que, perdido naquela localidade, dedicava-se a minorar o sofrimento alheio, creio movido pela compaixão humana, que é o alicerce verdadeiro da Medicina.

No início do século XX o ensino e as pesquisas médicas no Brasil já eram bem estruturados. As faculdades de Medicina localizavam-se no Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo, Pernambuco e Pará. Na Faculdade de Medicina de Salvador, instalada no antigo Colégio dos Jesuítas, considerado o primeiro centro de educação no Brasil, Deolindo Couto iniciou seus estudos em ciências médicas. Anos mais tarde, a Universidade Federal da Bahia o agraciaria com o título de Doutor *honoris causa*.

A vida cultural e efervescente da então capital federal levou Deolindo Couto ao Rio de Janeiro, seduzido pela possibilidade de aperfeiçoamento profissional. Transferiu-se para a antiga Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, graduando-se com brilhantismo em 1926.

Terminada a faculdade, uma de suas alternativas era seguir o mesmo caminho trilhado por outros médicos e retornar para sua terra natal. Deolindo optou por permanecer no Rio de Janeiro, que lhe oferecia as condições ideais para o aprimoramento profissional e a construção de uma carreira acadêmica.

Em 1933, ingressaria no corpo docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, onde vai ministrar aulas na cadeira de Clínica Neurológica. No ano seguinte obteve, por concurso, a livre-docência de Clínica Neurológica da Escola de Medicina e Cirurgia. Em 1945, conquistou a cátedra de Neurologia da Faculdade Nacional de Medicina, competindo com três outras proeminentes autoridades em Neurologia de então. Sua tese sobre os efeitos benéficos da cirurgia no tratamento da Doença de Parkinson era pioneira e revolucionária para a época.

Uma particularidade dos grandes homens, além do seu gênio, é de formar escolas: Pitágoras, Sócrates, Platão, Rubens, Rembrandt, tiveram alunos.

O homem de conhecimento sabe que o gênio solitário está fadado ao esquecimento e que para perpetuá-lo deve difundir o seu saber aos mais jovens, mantendo ao mesmo tempo acesa a chama da curiosidade permanente.

Os jovens, ao buscar experiência, trazem consigo, na inquietude de sua mocidade, toda a beleza de um destino a cumprir, e é necessário disponibilidade para o companheirismo e o trabalho conjunto, fatores estimulantes do verdadeiro espírito de universidade que se recicla nas indagações de quem quer saber, dando aos mestres o privilégio da renovação neste confronto diário. Navegam no mesmo barco, e – quem sabe? – novos Ulisses continuam a navegar para não perecer na imobilidade, sempre a procurar o conhecimento como a estrela – no distante azul. Buscar o conhecer é velejar com coragem na rota de cada dia, verdadeira dimensão do porvir.

Deolindo Couto gostava de ensinar. Em suas aulas, muitas vezes, procurava com fatos pitorescos amenizar a aridez do tema, tornando-as agradáveis e nada cansativas. Era um professor enérgico e rigoroso e suavizava suas reprimendas com palavras de incentivo, amizade e carinho. Parainfo em diversas turmas, seus discursos são lembrados até hoje pela precisão e beleza das palavras.

De sua escola saíram inúmeros futuros professores titulares de Neurologia em diversas universidades do país. Ele não concentrou sua vida profissional somente na sala de aula das universidades. Exerceu a Medicina em hospitais como o Hospital Nacional D. Pedro II e a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, onde foi chefe do Serviço de Clínica Médica.

Nós, que como Deolindo Couto trabalhamos na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, lidamos com pacientes de diferentes núcleos. Aprendemos que o ser humano é um só, que o sofrimento e a alegria são os mesmos, independente de classe social.

Deolindo Couto foi um excelente médico. Sentia profundo respeito e afeição pelo ser humano, afagando suas dores e curando seus males.

Esteve sempre à frente de projetos que engrandeceram a sua especialidade. Levou o nome do Brasil a diversos países do mundo, presidindo delegações brasileiras em congressos internacionais de Neurologia. O pioneirismo e a preocupação em divulgar o conhecimento levaram-no a criar o Instituto de Neurologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, hoje Instituto Deolindo Couto.

Ele organizou neste Instituto um serviço de reabilitação neurológica, sob a supervisão de um médico especializado em Fisiatria, especialidade ainda não reconhecida oficialmente naquela época. Deolindo Couto, quando ocupou a presidência do Conselho Federal de Educação, estabeleceu de forma definitiva as funções do médico fisiatra e do fisioterapeuta – o primeiro prescrevendo e o segundo executando o tratamento. Sua gestão foi profícua, beneficiando e criando inúmeras instituições culturais, entre elas a Universidade Federal do Piauí.

Seu espírito empreendedor o fez idealizar e fundar a Academia Brasileira de Neurologia, da qual foi em vida aclamado seu Patrono. Também foi fundador da *Revista Brasileira de Neurologia*, anteriormente denominada de *Jornal Brasileiro de Neurologia*. Dentre as suas diversas contribuições à literatura científica destacam-se os livros *O tremor parkinsoniano e a via piramidal* e *Doença de Charcot MarieTooth*.

A qualidade e a evolução do ensino universitário muito devem a Deolindo Couto e a Pedro Calmon, seu parceiro na escalada educacional e cultural do país. Ao ocuparem alternadamente, por dezoito anos, os cargos de Vice-Reitor e Reitor da Universidade, do que veio a se constituir a Universidade do Brasil, sedimentaram a moderna estrutura do atual sistema universitário brasileiro.

A elegância, eu acredito ser um estado natural de algumas pessoas, a maneira de se movimentar, de se expressar, de refletir diante do mundo. Ser elegante é ser principalmente ético.

A ética e a extrema elegância sempre estiveram presentes em todas as atividades exercidas por Deolindo.

Seu trabalho na Academia Nacional de Medicina foi tão marcante que os seus pares o elegeram sete vezes para presidi-la.

Ao ingressar naquela Academia, na época presidida por Deolindo Couto, tive o privilégio de ser saudado por seu irmão e meu dileto amigo Bernardo Couto.

Duas honras em um só momento. Concluí meu agradecimento com estas palavras: “Puck, no *Sonho de uma noite de verão*, levou apenas quarenta segundos para enlaçar a Terra. Muitos outros me foram necessários para trazer a esta Casa a mensagem do meu profundo reconhecimento e gratidão por me acolherem com tanta fidalguia.”

Víctor Hugo plantou um carvalho em sua casa e disse: daqui a cem anos ele estará grande, o Papa já não vai existir e “as guerras vão acabar”. O carvalho cresceu, mas o Papa existe e as guerras continuam. Difícil é prever. O importante é viver.

O futuro é a força do que vivemos em nosso presente. Temos que dar importância a cada momento vivido. Ele será o reflexo do que semeamos. Deolindo Couto viveu o seu presente com qualidade, dignidade e abnegação, germinando para as futuras gerações a semente do amor e da dedicação ao ser humano.

Hoje em dia a capacidade do ser humano de pensar é menor que anteriormente. Nesse aspecto, ele empobreceu, mas julga-se mais rico porque é muito mais informado do que os que o precederam. Algumas vezes a informação, porque excessiva e vertiginosa, interfere na percepção e na emoção. O ser humano, na realidade, hoje tem menos reflexão, essa força que alimenta o espírito e ilumina a idéia. Precisa reconquistar em plenitude o sentido humanístico e compreender a vida como um todo, para exercer com inteireza a atividade que escolheu.



Membro titular da Academia Nacional de Medicina e seu presidente em vários biênios descontínuos. Aqui, posse para o biênio 1969-187I, em 14 de julho de 1969. (*Tribuna Médica*, nº 353, agosto 1969)

Deolindo Couto possuía em plenitude o sentido humanístico de compreender a vida como um todo. Pertencia a uma geração que cultuava a fé na ciência e na concretização das idéias, aliando a racionalidade da medicina à sensibilidade da arte literária.

Tinha o conhecimento da palavra, trabalhava-a com a paciência e a maestria de um artesão, até alcançar a perfeição desejada. Sua fluência verbal, riqueza vocabular e erudição, conferiam solidez cultural aos seus discursos e conferências. Era um orador magnífico, cativava a platéia com o seu gestual envolvente, mantendo atento até o espectador sentado no fundo da sala.

A sua admiração primeira e profunda foi Camilo Castelo Branco, inspiração para a palavra exata, o texto conciso e eloqüente.

Sua obra científica e literária reflete o apuro do estudioso incansável e a devoção pela elegância de estilo. Perpetuou a admiração que sentia por Santiago Ramón y Cajal, Egas Moniz e Gonçalves Dias em inspiradas biografias. No livro *Dois sábios ibéricos* presta homenagem a dois expoentes da Neurologia mundial: o espanhol Ramón y Cajal e o português Egas Moniz, ambos detentores do Prêmio Nobel de Medicina.

Este mergulho na vida de Deolindo Couto, apesar de breve face à grandeza de suas realizações, traz-me à memória Stendhal, para quem o amor é uma fonte da qual só podemos beber o que depositamos, e as estrelas que nele brilham são nossos olhos à espreita. Deolindo era movido pela força da motivação, pelo profundo amor por seu semelhante, presente em cada um de seus gestos, como pai de família, médico, professor, homem de letras e político.

Definir o momento exato de uma vocação nem sempre é fácil. Vários são os fatores que influenciam no direcionamento de uma vida. No momento da escolha o nosso espírito está centrado; o nosso ponto de gravidade não permite desvios ou erros – temos que seguir sempre em frente – mas a escolha seria impossível sem o sentido da paixão; ela é o nosso norte que não permite derivas, nos consumindo mas nos fazendo viver. Ela é a nossa chama que ao mesmo tempo representa uma procura infinita. E essa motivação permanente, por que não da alma? mais bonita que o norte? A luz que nos guia nessa procura in-

terna, nos conduz à nossa própria verdade, levando-nos a procurá-la além dos nossos próprios limites, impulsionando o ato de criar. O momento da criação é o momento de integração com o universo. O momento de coesão que nos permite sedimentar idéias e difundi-las.

Breve é o tempo de passagem que nos foi concedido, mas longo será, se valorizarmos cada momento, vivendo-o com intensidade plena.

A felicidade é o encontro da emoção com o intelecto; é partilhar com alegria as experiências vividas.

Deolindo Augusto de Nunes Couto foi um homem feliz.



Genolino Amado e Hermes Lima, que
o recebeu na ABL, em 14/11/1973.

O amado Genolino

ARNALDO NISKIER

Genolino Amado faz muita falta. A rigor, todos os acadêmicos que nos deixaram, em tempos recentes ou mais distantes, fazem falta ao nosso convívio. Genolino Amado de uma forma especial, pois era um homem educadíssimo, de trato extremamente agradável, e que sofreu bastante nos seus últimos anos de vida. Não saía mais de casa, andando com dificuldade, mas nunca descurando do seu interesse quase paternal pela Academia Brasileira de Letras.

Candidato a uma vaga, fiz-lhe uma visita (depois seguida de outras, por puro prazer) no apartamento do Flamengo. Recebeu-me na sala quase escura, num fim de tarde, para que pudéssemos conversar. A primeira pergunta, longe das preocupações acadêmicas, foi sobre o estado de saúde do nosso América Futebol Club. Não se conformava que o time da Rua Campos Sales estivesse em posição secundária, depois de diversas campanhas vitoriosas, como a conquista do campeonato carioca de 1960.

Conferência proferida na Academia Brasileira de Letras, no dia 2 de julho de 2002, abrindo o ciclo em homenagem ao centenário do nascimento de Genolino Amado.

Com os conhecimentos que tinha e a paixão de sempre, atualizei o grande cronista, o que nele despertou a vontade de escrever uma série de trabalhos sobre o seu clube do coração. Depois das notícias, o levantamento de quantos torcedores do América havia na Academia (passados e presentes). E a doce desculpa para me garantir o seu voto: “Precisamos aumentar a torcida do nosso clube na Casa de Machado de Assis.”

Primo de Jorge Amado e irmão de Gilberto Amado, Genolino desenvolveu uma bonita carreira de escritor e teatrólogo, como veremos adiante. Do que aprendi da sua obra, com a qual me identificava, ficou a enorme admiração pela vida de cronista. De 1934 até quase o final da década de 1950 produziu diariamente a “Crônica da Cidade Maravilhosa”, lida todas as manhãs por César Ladeira, no então poderoso microfone da Rádio Mayrink Veiga. De tudo o que recordo, a minha memória registra o texto suave, lírico, direto, que depois iria influenciar outros grandes nomes de escritores brasileiros que se dedicaram igualmente à crônica. Ele foi um pioneiro do gênero de tanto agrado dos nossos leitores, consagrando nomes como Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Henrique Pongetti, todos colaboradores da Revista *Manchete*. Isso sem contar as inesquecíveis Cecília Meireles e Clarice Lispector, além de Rachel de Queiroz, a rainha delas todas.

~ O cronista

O sergipano Genolino Amado faria agora em agosto cem anos. No entanto, as suas palavras e o seu discurso do cotidiano muitas vezes parecem escritos para os dias atuais. De personalidade forte e espírito crítico, a política era um celeiro fértil em suas crônicas, onde demonstrava a capacidade ilimitada de desnudar os fatos. Os retratos daquela época, que magistralmente nos oferecia através de uma linguagem cristalina, não perderam a sua essência, pelo contrário, nos revelam a eternidade dos fatos diante da vida.

Inimitável, no dia-a-dia carioca, suas imagens surpreendem pela ternura, frustração, alegria e sofrimento, nos milhares de aspectos da cidade tumultuada. Às vezes, com um otimismo saudável, com indulgente doçura ou fria malícia.

Do prodigioso exercício de cronista criou páginas, obras importantes, fotomontagens, que resumem uma sociedade e uma época.

Em Itaporanga, onde nasceu, apenas iniciou a sua educação, mas dizia com orgulho: “Sou de Sergipe, minúscula província de um território, mas imensa na contribuição às letras do país. Ninho de filósofos, filólogos, poetas e ficcionistas, historiadores e juristas. Rincão de Tobias Barreto e Sílvio Romero. Reino de magia em que vivi a infância...”

Genolino formou-se em Direito no Rio de Janeiro, em 1924, e na verdade, pretendia fazer carreira na advocacia. Na sua turma, Hermes Lima, Pedro Calmon e Nestor Duarte. Quando estudante, já nutria forte admiração por Anísio Teixeira, que cursava a mesma faculdade. Considerava-o extraordinário, de singular inteligência e firmeza de caráter, prenúncio de quem se dedicou heroicamente a uma incansável luta, ao grande desafio de democratizar a educação no país.

Mas Genolino Amado desistiu da carreira de advogado. O espírito de um grande comunicador falava mais alto.

Em São Paulo surgiram as primeiras páginas de um novo autor, quando substituiu Menotti Del Picchia na crônica diária do *Correio Paulistano*, onde figurou entre os seus principais redatores. Assinava Geno e mereceu um entusiástico artigo de Agripino Grieco, o que causou grande surpresa, pela índole severa e demolidora do crítico.

Por algum tempo, porém, afastou-se dessa atividade, por ter sido nomeado Chefe da Censura Teatral. Tal acontecimento não o impediu de frequentar a roda de intelectuais, satisfazendo o seu espírito de literato. Convivia na paulicéia com modernistas de destaque, sobretudo Oswald de Andrade, Menotti, Cassiano Ricardo e Cândido Mota Filho. Ligou-se também, nessa fase, a Galvão Coutinho, Brito Broca e Orígenes Lessa.

Dois anos depois, já estava de volta ao jornalismo, em posição de destaque, dirigindo o Suplemento Literário do *Diário de São Paulo* e publicando diariamente crônicas no *Diário da Noite*. Iniciou nessa mesma época a sua colaboração na Rádio Record, atendendo a um convite de César Ladeira, seu jovem colega de redação, que se transformara de repente em locutor.

Ao voltar para o Rio, em 1933, escreveu para a Rádio Mayrink Veiga as “Crônicas da Cidade Maravilhosa”, na interpretação de César Ladeira. O sucesso foi tão grande que inspirou André Filho a compor a famosa marcha que se tornaria o hino da então Guanabara. Aí está a origem de “Cidade Maravilhosa”.

Recordar Genolino Amado é abrir uma página relevante da cultura brasileira. Suas crônicas, seus ensaios, são preciosos legados à literatura do nosso país. Vale acrescentar que suas crônicas diárias, transmitidas pelo extraordinário veículo de comunicação que é o rádio, chegavam a milhares de ouvintes. Um público cativo que saboreava mensagens da inquieta cidade do Rio de Janeiro. Acredito que boa parte dele deixasse um pouco de lado o que estava fazendo, para, naquele momento, absorvê-las plenamente.

Nessa mesma emissora também apresentou por um bom tempo a “Biblioteca do Ar”, que obteve dois prêmios como o melhor programa cultural do rádio brasileiro.

Muito absorvido pela imprensa, seu primeiro livro, *Vozes do mundo*, foi publicado somente em 1937. Nele, estudou grandes figuras das letras estrangeiras. Uma estréia feliz, reunindo ensaios e crônicas.

~ Um educador

A história da Academia registra, enfaticamente, a presença de um grande número de educadores, personalidades que contribuíram para a nossa história, como Euclides da Cunha, Joaquim Nabuco (autor do célebre *Um estadista do Império*), José Honório Rodrigues, Osvaldo Cruz, Pedro Lessa, Rui Barbosa, Oliveira Lima, Rocha Pombo, João Ribeiro, Miguel Couto, Laudelino Freire,

Vítor Viana, Marques Xavier, Clóvis Beviláqua, Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia (com a obra sobre a história das pesquisas científicas no Brasil), Oliveira Viana, Roquette-Pinto (introdutor do rádio educativo em nosso país), Alfonso Taunay, Viriato Correia (professor de arte dramática), Gilberto Amado, Silva Melo, Joracy Camargo, Hermes Lima, Paulo Carneiro (com as pesquisas sobre *curare*), Peregrino Júnior, Alceu Amoroso Lima, Raimundo Magalhães, Pedro Calmon, Luís Viana Filho, Ciro dos Anjos, Mário Palmério, Deolindo Couto, Afonso Arinos de Melo Franco, Austregésilo de Athayde, o grande mestre dos direitos humanos universais, Darcy Ribeiro, D. Marcos Barbosa (com as suas crônicas educativas de rádio) e, também, Genolino Amado.

Em 1933, no Rio de Janeiro, para onde voltou, Genolino dedicou-se ao magistério: foi professor de curso secundário da então Prefeitura do Distrito Federal. Era tempo de reforma na Instrução Pública, realizada por Anísio Teixeira. Genolino trabalhava paralelamente a seu irmão Gildásio Amado, que era do Ministério da Educação e Cultura, na época, e que foi o criador dos Ginásios Orientados para o Trabalho – GOT, uma iniciativa formidável para a época, e seria ainda hoje se nós não padecêssemos perversamente desse mal incurável da educação brasileira que é a descontinuidade.

Sua carreira de magistério estendeu-se ao nível superior. Foi um dos mestres que iniciaram o curso de Jornalismo na Faculdade Nacional de Filosofia. Em 1971 publicou a obra *O reino perdido*, que relata a época de sua vivência como educador.

~ Um literato

Das crônicas aparentemente despreziosas, Genolino Amado conquistou o seu lugar na história da nossa literatura. Conversando outro dia com Eduardo Portella, exatamente para ter a noção do crítico, para ter a noção do que representou Genolino na nossa literatura, ele confirmou esse julgamento generoso a respeito da qualidade do seu trabalho. Como bem disse Mário de

Andrade, um dos primeiros a reconhecê-lo como literato, ele é uma figura que se inclui entre as personalidades salientes da literatura nacional.

Suas crônicas reunidas nos oferecem obras preciosas, nos revelando o quanto é difícil escrever de maneira fácil. O cronista, na realidade, não pode demonstrar uma erudição profunda. A sua narrativa deve ser leve e clara como as águas mansas de um lago. Algumas digressões, sem comprometer o seu alto nível.

Sua literatura sofreu a influência de uma época tumultuada. A Guerra Civil Espanhola, a terrível ascensão do nazifascismo, Hitler pressionando, chantageando os governos parlamentaristas da Inglaterra e da França. No Oriente, os japoneses na invasão da China. No Brasil, a malograda revolta de 1935. O integralismo a crescer, a implantação do Estado Novo em 37.

Em *Um olhar sobre a vida*, dedicado à memória do seu irmão Gilberto Amado, escrito entre 1939 e 1942, ele mescla ensaios e crônicas, abrangendo uma época que, segundo ele, lhe inspirava saudade do mundo, do Brasil, do Rio e dele próprio. Mais precisamente do Rio, do poente de uma *belle époque*, dos jogos nos cassinos, dos cafés e cabarés na Lapa malandra, das morosas, mas gostosas viagens de bonde, da areia deserta do Leblon.

Com esse espírito saudoso, Genolino Amado reeditou, muitos anos depois, essa jóia da literatura. Livro raro, que tenho o privilégio de possuir. Estava, então, com 70 anos de idade. Com algumas modificações e cortes, teve a aspiração de interessar os leitores em aspectos de um Brasil que teria mudado muito pouco. Um depoimento que corresponde às impressões e emoções de um povo no mencionado período.

A reedição de *Um olhar sobre a vida* é um testemunho do que pensou, sentiu e escreveu em fase agitada da vida nacional e internacional um jornalista aos 35 anos, no início da maturidade. São emoções de uma época em que até nas comédias irrompia o drama de viver.

Estamos em meio à euforia do Pentacampeonato. Uma crônica de Genolino Amado, adaptada, pode ser aqui resgatada:

Os nossos heróis do futebol, triunfantes, vêm do estrangeiro e desfilam em carros abertos. Na Avenida, no Russel, no Flamengo, que povaréu ansioso, expectante! De súbito, a explosão dos aplausos. Delírio, frenesi, nos velhos, nos moços e nas crianças.

Empolgo-me com a multidão que aplaude. Se aplaude bem ou mal foi assunto que só depois considere. Nesta hora não tem importância. Multidão vale por si mesma, independente de qualquer juízo. É tal qual o oceano, a floresta, o fogo, a ventania, os elementos da natureza.

Se o homem costuma ser humorístico, a multidão é patética, sempre. Nem há multidões fúteis e multidões sábias. A multidão que parece desnordeada, sem destino, encontra de repente o rumo da História. A multidão brinca hoje nas ruas e amanhã talvez levante barricadas.

Ao pensar nisso, levo a sério a fremente massa humana que aclama os campeões do esporte. É um erro pueril supor que vem da ignorância ou da ingenuidade a paixão popular pelos mestres da bola.

Uso dizer que, na maioria das vezes, o torcedor vai ao estádio sob influxo de razões que ele próprio desconhece, mas que atuam no seu subconsciente. Aí se encontram recalcados o desejo de admirar alguém ou alguma coisa e o anseio de exprimir impressões pessoais, rebater ou aceitar as dos outros, ser pró ou contra, livremente, gostosamente.

Ora, o futebol é tão elementar que as elites pensantes o deixam à margem de suas impiedosas dissecações desacreditadoras.

Roosevelt pôde não convencer como um líder de uma grande democracia, mas um goleiro convence de imediato ao defender um pênalti. A força moral e o gênio político de um ditador podem ser meras imposturas da propaganda, mas os dribles bem feitos de um centroavante são evidências irrecusáveis. Um plano de governo pode não dar certo, porém um pontapé na bola demonstra instantaneamente a sua exatidão ao marcar o gol.

Resta algo que resiste às abafantes restrições. É o esporte, é sobretudo o futebol, cheio de incidentes sensacionais, de situações imprevistas, permitindo que na arquibancada ou na geral o povo julgue, comente, aprove ou desaprove a exibição dos contendores. E o povo não se acanha de proceder assim porque se considera apto a fazê-lo.

~ O ensaísta

Dentre os ensaios de Genolino Amado, que inclui Luiz Pirandello, Emil Ludwic, destaca-se Bernard Shaw, que, segundo ele, era um moço sem fé – só nele mesmo –, que estudou com afinco e iniciou a vida literária aos 30 anos, após a sua frustração como novelista. “Sem fé, mas se tivesse um Deus, não precisaria de imagens, nem de liturgias, nem de incenso, nem de procissões.”

Segundo Genolino Amado, um destruidor! – mas que poucos procuram ver que destruir em Bernard Shaw assinala o começo da construção. Que em todas as suas peças a arte do dramaturgo se exercita de maneira contraditória, cultivando a sua alma de militante reformador. Quando não constrói, reforma. Um gênio!

E Genolino estabelecia sempre um parâmetro entre a literatura brasileira e a estrangeira.

Ainda em *Um olhar sobre a vida*, numa das crônicas, queixou-se que o Rio de Janeiro “é uma capital com pouquíssimas figuras de romance. Um deserto, em relação a Paris, onde Balzac constitui multidão. Da mesma forma é um deserto perto de Londres, onde Dickens acrescentou um povo imaginário. Só vemos aqui Capitu, Policarpo Quaresma... e quem mais? O Rio desdobrou-se, estendeu-se nos bairros, ganhou população de sobra, porém na literatura continua com a mesma escassez demográfica do tempo de Machado, Aluísio e Lima Barreto.” E acrescenta: “Romance é produto da cidade. O campo é, especialmente, inspirador de poesia. O Rio quer romantismo.”

Se vivo estivesse, Genolino certamente mudaria de opinião. Acrescentaria aos nomes citados pelo menos o do Acadêmico Carlos Heitor Cony, cujo romance urbano, tipicamente carioca, faz tanto sucesso.

Reportando-se à História do Brasil, Genolino, na crônica “O mal dos homens bons”, explora a concepção brasileira de bondade:

Gostaria de ver estudado por sociólogos e psicólogos um fenômeno da vida nacional que poucas pessoas observam. E, se o observam, não lhe atribuem importância nem significação. Crêem que é só um curioso, mas inofensivo erro de julgamento. Contudo, para mim o erro é sério, bem sério, porque embota o senso moral, conduz à negação do verdadeiro valor e à consagração das mediocridades espertas.

Refiro-me à paradoxal concepção brasileira da bondade. Considera-se virtude admirabilíssima o dom de se estar de bem com toda a gente. A quem mais se aprecia não é o generoso que beneficiou a muitos e sim o conveniente que a ninguém deu motivo de queixa.

[...]

No Império, ser homem bom se resumia a não ser muito cruel com os escravos. Não era combater a escravidão. Os versejadores gentis, no exemplo típico de Maciel Monteiro, recitavam nos saraus enquanto o jovem Castro Alves compunha versos de fogo para fulminar o cativo e Patrocínio fremia de eloquência na luta pela Abolição.

Os grandes homens do Brasil podem equiparar-se aos melhores homens do mundo, porém jamais tiveram a bondadezinha aparente que agora se apregoa como indicativa do caráter nacional. Fossem “bons”, os Inconfidentes não pensariam em conspirar contra o poder da Metrópole, evitando dores de cabeça à rainha D. Maria, já bem avariada do juízo. Fosse bom homem, José Bonifácio continuaria a colher o doce fruto das sinecuras que lhe dera a coroa lusitana. E, em atenção ao gordo e afável D. João VI, do qual não tinha pessoalmente nenhum motivo de queixa, desistiria de libertar a pátria, pois a Independência lhe impôs a maldade gloriosa de não ter fraqueza de coração quando era preciso criar o Brasil.

Pois que Deus abençoe os nossos malcriados! Deles o Brasil precisou sempre e foi com eles que se engrandeceu. Má criação aí significa firmeza nas convicções e gosto de advogar a causa justa. E essa má criação não foi só de Alencar, de José Bonifácio, de Patrocínio, de Castro Alves. Tiveram-na todos os nossos homens de bem, dos gloriosos aos obscuros.

De que o Brasil não necessita é de homens amáveis, distintos, conciliatórios por programa, que não defendem o bem e toleram o mal.

Dentre as suas outras obras podemos destacar *Vozes do mundo*, ensaios, publicada em 1937; *Os inocentes do Leblon*, em 1946 – este deu título a um bloco carnavalesco de primeira ordem – e *Pássaro ferido*, em 1948.

Em *Vozes do mundo*, onde focaliza grandes nomes estrangeiros, analisa intensamente Stefan Zweig, sua obra e a razão da sua excepcional celebridade. Considera-o essencialmente útil e agradável. Admira no autor o companheirismo:

Feito para viver ao nosso lado, cheio de encanto na conversa, ótimo contador de histórias, sabe muita coisa e diz tudo muito bem, com certa graça melancólica. Para apreciá-lo, no seu justo valor de artista é preciso de novo trazê-lo para perto, situando-o na esfera dos homens inteligentes.

[...]

Se a arte do escritor revela tanto interesse pela vida, a sua própria vida quase não aparece na sua arte. Só os artistas de gênio operam o prodígio de condensar dentro de cada indivíduo a sorte das multidões, dentro de cada história humana, toda a história universal.

Genolino não o achava um gênio, mas o admirava pela capacidade que tinha de aprofundar pormenores sem, contudo, visualizar o todo. Privilégio de um grande artista.

Deliciei-me ao ler as crônicas de *Os inocentes do Leblon*. Falam de imagens de rua, esporte, das mudanças da cidade, até de gramática. Uma delas chamou-me a atenção: “Palavras em perigo:

... as histórias infantis erram sempre quando falam de Sésamo, como de uma palavra mágica. Porque a verdade é que todas as palavras são mágicas. Todas possuem um misterioso encantamento e abrem a porta de maravilhosos tesouros. O dicionário é um reino de fadas. Mas, para que uma palavra exerça a sua influência fascinante precisamos guardá-la com toda a força do coração, respeitando-lhe o valor que tem dentro da vida, trazendo-a mais no pensamento do que na boca.

O livro reúne a primeira série de “Crônicas do Rio”, publicadas na imprensa diária, de julho de 1943 a abril de 1944.

Em *Pássaro ferido*, publicado logo após, com a mesma qualidade literária, tem-se um encontro marcado com praças do Rio de Janeiro, bondes e “camelôs”. Fala de José de Alencar, de Iracema e de *O Guarani*; fala de Clóvis Beviláqua e de Raimundo Correia. Relendo-o agora, não pude deixar de sorrir, ao verificar na crônica “O Mestre de Humanidades” que os problemas educacionais de 1944 são os mesmos de hoje:

Encontro agora freqüentemente nos jornais artigos em que se encarece a necessidade nacional de promover-se a perfeita formação pedagógica do professor secundário... Traçam-se programas, estabelecem-se normas e processos didáticos sem levar em conta muitas vezes o que teria de ser debatido, antes de mais nada, pois diz bem perto com a própria condição humana do professor, isto é, as longas horas de trabalho para o ganho paupérrimo.

Em suas críticas literárias, Genolino queixava-se da falta de personagens atuais. A sociedade moderna apenas evocava a imagem romântica da Moreninha, que era de outra época, mas renascia em flor ao fim de um século. Para ele isso constituía uma derrota da literatura. Um deserto de mulheres, o romance nacional. Além da imagem romântica de Macedo, apenas a Capitu, do mestre Machado, a Ceci e a Iracema do grande José de Alencar.

Imaginava que extraordinário tema de romance não seria o drama da sociedade brasileira, a moça moderna que trabalha em escritórios e repartições, dona do seu destino, que lê Freud e discute a guerra. E concluiu: “Enamora-mo-nos da moça antiga porque a moça moderna ainda não refletiu a sua imagem nas páginas da literatura.”

Em relação ao nosso idioma, dá um recado a Portugal: “Que ele procure conter nos moldes da tradição o idioma dos seus marujos e dos seus frades ainda se compreende. Mas o Brasil tem igualmente o direito de criar uma nova linguagem para a sua própria expressão. Devemos adaptar o vernáculo às condições da existência e da sensibilidade moderna.” Como gostaria o nosso saudoso Afrânio Coutinho de ouvir, lida por um amigo dele, e admirador, esse pensamento de quem com ele conviveu aqui nesta Casa.

Seu trabalho literário não parou por aí. Escreveu, além de *O reino perdido* (Memórias), *Um menino sergipano*, já em 1977 (seu segundo livro de memórias). Ao mesmo tempo, traduziu romances e peças de teatro, como *A Cidadela*, de A.J. Cronin, *A vida errante*, de Jack London, *Zadig*, de Voltaire, entre outras.

Genolino Amado também estreou como autor teatral em 1946 com a comédia *Avatar*, não só representada no Brasil como no estrangeiro. Esse trabalho foi adotado na Academia Militar de West Point como livro de leitura para os cadetes. Sua segunda peça, *Dona do mundo*, foi apresentada em 1948, merecendo a medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais.

Em 1954 mais uma vez afastou-se das atividades literárias. Exerceu, no último governo de Getúlio Vargas, o cargo de Diretor da Agência Nacional. A seguir, foi nomeado Procurador do Estado da Guanabara, concentrando-se por longo tempo nas letras jurídicas.

Mas Genolino Amado, como não poderia deixar de ser, retornou à literatura em 1971. Logo após a publicação de *O reino perdido*, obra sobre seu trabalho de professor, publicada nesse mesmo ano, candidatou-se à Academia Brasileira de Letras, atendendo ao apelo de vários membros da Instituição.

Foi recebido em data que muito lhe dizia ao coração: 14 de novembro, dia em que seu pai Melchisedeck Amado nasceu. Para Genolino, um herói, sempre lutando para conseguir recursos econômicos necessários ao conforto do lar, alimentação e educação dos filhos.

Na ABL foi um confrade atuante e presente, antes de adoecer, até que em 1989 ele foi roubado do nosso convívio, deixando, na Casa de Machado de Assis, um sentimento permanente de saudade.

Genolino e a tradição da crônica

ANTONIO OLINTO

Senhor Presidente Alberto da Costa e Silva, senhora Acadêmica Nélida Piñon, senhores Acadêmicos, meus Senhores e minhas Senhoras. Vou falar sobre “Genolino Amado e a tradição da crônica”.

Meus amigos, vivemos sob o império do tempo, que talvez devesse sempre estar escrito com T maiúsculo. Não só escrito, mas também dito, pondo-se uma ênfase na pronúncia da palavra de tal modo que se entenda logo que falamos de coisa muito séria. A palavra grega *cronus* ficou na memória dos povos e serviu de base a discursos e conceitos de toda ordem. A invenção de Gutenberg de tipos móveis capazes de imprimir sobre uma folha de papel mudou o mundo. Multiplicaram-se então as crônicas, a descrição de feitos e acontecimentos, que se tornaram comuns e são base de pesquisas feitas em todo mundo.

Quando escrevi meu livro *Alcácer-Quibir*, li e reli as crônicas portuguesas, principalmente as de Gomes Eanes Urara, a *Crônica da Guiné*,

Conferência proferida na Academia Brasileira de Letras, no dia 9/7/2002, durante o ciclo de conferências em homenagem ao centenário do nascimento de Genolino Amado.

a *Crônica da tomada de Ceuta*, além de outras narrativas, como a *Crônica do Dom Henrique*, a de Dom Duarte, a do Infante Santo, a de Afonso V e a de *Dom Sebastião em terras d'África*, que era o assunto que mais me interessava. Até os naufrágios de navios portugueses – que foram muitos – serviram de matéria em *Relações impressas em Lisboa*. “Relações”, como sabem, era uma palavra que se dizia para dizer “Informação”, “Relatório”, quase que reportagem. As Relações reportavam um grande acontecimento. E essas Relações, impressas em Lisboa, preservadas nos arquivos portugueses, mais tarde levaram Fernando Pessoa a colocar em seus versos: “O sal das lágrimas de Portugal / era o sal de mar.” Esse mar e o sal de mar que vinha das lágrimas dos portugueses apareceram como uma verdade na poesia.

Os vinte relatos de naufrágios publicados em português entre a segunda metade do século XVI – quando os portugueses povoavam o Brasil – e o final do século XVII, são crônicas de reportagem do melhor jornalismo. Às vezes o cronista posterior a Gutenberg provocava o aparecimento de folhas de jornais com notícias e idéias.

A mim me parece que Montaigne é o antecessor dos cronistas dos séculos posteriores. A palavra “ensaio” por ele adotada muitas vezes está próxima da crônica. Era um moralista, no bom sentido que se atribui aos que analisam o comportamento das gentes. Quando chegou ao ápice da sua vida e da sua obra, declarou-se “inteiramente desprovido de qualquer assunto específico, atitude a que o cronista busca, em geral, ater-se no percorrer o mundo circundante com olhos analíticos, devotado ao devaneio, à meditação e à análise”. Com isso podia Montaigne estar descrevendo um modo de o jornalista se aproximar da realidade.

Com os tipos móveis de Gutenberg, era natural que surgisse essa coisa poderosa na formação de idéias, desejos, atos, decisões, escolhas – o jornal.

O que vem a ser o jornal? Em meu livro *Jornalismo e literatura* tentei entrar no assunto. Chamei-o de literatura também sugerindo que “o jornalismo é a literatura sob pressão”, principalmente duas pressões: a pressão do tempo e a pressão do espaço. A pressão do tempo, já que o artigo, a reportagem, a notí-

cia, seja o que for destinado a sair no jornal, deverá ser feito hoje para ser publicado amanhã ou depois, num dia certo. A pressão do espaço, porque ocupará um espaço também determinado na página impressa do jornal.

O jornal é um periódico, que é como os portugueses costumam chamá-lo, isto é, aparece dentro de períodos certos, todo dia – que é o sentido literal da palavra “jornal” – ou toda semana, toda quinzena, todo mês. E aí está de novo o Tempo – com T maiúsculo – nominando as fases de aparecimento da folha, da revista, da relação, do relatório, seja o que for o veículo que se use, de tempos em tempos.

Muitos de nós já nos indagamos dos motivos de termos no Brasil tantos e tão bons cronistas. O maior de nossos escritores – mestre no romance, no conto e na poesia, Machado de Assis – dedicou-se também à crônica profissionalmente, com segurança, obedecendo à natureza do *métier* – porque todo *métier* tem a sua natureza – e com isto registrou com perfeição o final do Segundo Império e os primeiros decênios da República no Brasil. Executou os mais diversos tipos de crônicas, foi romântico, professoral, cômico, elucidativo; analisou a política do Tempo (com T maiúsculo), falou em obras públicas, fez comentários sobre sessões do Legislativo, contou anedotas, comoveu seus leitores, foi a seu modo formador de opiniões, comentou assuntos internacionais, analisou figuras da política brasileira, falou de moda e de modos. E o que se sabe do Brasil, entre meados do século XIX e o ano de 1908, é também devido às palavras com que Machado vestiu seu país e seu tempo.

Na mesma época outros escritores expressavam-se por meio da crônica. Raul Pompéia escreveu do Rio uma série de crônicas para o *Jornal de Juiz de Fora* e José do Patrocínio, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Lima Barreto, Pardal Mallet – uns mais, outros menos – assumiam a crônica, permanente ou circunstancial, como elemento importante no difundir idéias e mostrar como funcionava, ou não funcionava, o país.

Depois de Machado de Assis o escritor a ter sido um cronista eminentemente carioca foi João do Rio, cujo livro *A alma encantada das ruas* postou-se como ápice no gênero crônica entre nós.

Em seguida foi a vez de Humberto de Campos ocupar o trono da crônica. Poucos escritores tiveram em vida a popularidade de Humberto de Campos. Ao morrer, em 1934, deixou muitos volumes de crônicas, vendidos em todo o Brasil. Durante minha infância e juventude eram livros comentados e citados, com grande alegria da editora que deles detinha os direitos.

A partir da Semana de Arte Moderna – com o desenvolvimento da indústria do conhecimento, que existe essa indústria no Brasil, jornais mais bem organizados, magras impressoras se renovam, primeiro de vinte em vinte anos, depois de dez em dez e, mais tarde, com a informática, até submetidas a pausas mais curtas – o cronista se tornou um personagem importante na imprensa brasileira. Praticamente todos os escritores de algum nome, poetas e prosadores, passaram a escrever crônicas para jornais e revistas.

Como cronista puro, dono de seu instrumento e de sua linguagem poética, destacou-se na literatura brasileira o nome de Rubem Braga. Desde que, morando ainda em Belo Horizonte e muito jovem, começou a escrever, viu-se que ali se achava um escritor que escolhera o seu gênero e a ele daria o melhor de si mesmo.

Seguiram também esse caminho Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Clarice Lispector, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, que, entre muitos outros, prestaram a sua obediência ao pedaço de papel de que é feito o jornal. No meio desse grupo extraordinário de cronistas situou-se Genolino Amado. Diferente de todos, pelo seu estilo e pelo seu veículo.

Vindo jovem de Sergipe (seu livro de memórias *Um menino sergipano* é um trabalho que obriga um grande lirismo, levanta um tempo da maior significação na vida brasileira), passou Genolino Amado por vários jornais, em São Paulo e no Rio de Janeiro, antes de se fixar numa atividade de que foi pioneiro – a de cronista radiofônico.

Passou a escrever textos que seriam ouvidos, e não lidos. Teve de criar um estilo que fizesse o ouvinte fixar-se no que ouvia, dando às palavras do locutor a maior atenção. No caso, o locutor era, na maioria das vezes, César Ladeira, que, descoberto em São Paulo, onde entusiasmou os combatentes da Revolta

Constitucionalista de 1932, veio depois para o Rio de Janeiro, onde pontificou na Rádio Mayrink Veiga.

Em tudo de acordo com o meio de veiculação de suas crônicas, escrevia Genolino Amado num estilo direto, substantivo, ao mesmo tempo e que se colocava como intérprete de toda a cidade. Por isso mesmo seu programa tinha o nome de “Crônica da Cidade Maravilhosa”, o que levou o compositor André Filho a compor sua marcha, hoje hino oficial do Rio de Janeiro.

O que Genolino Amado escrevia era exatamente o que aparecia, sempre, na folha de rosto de seus livros: Crônicas do Rio. Era o Rio de Janeiro dos anos 30 e 40, indo até o fim dos 50. Era, enfim, o Rio de Janeiro pré-Brasília.

Ler agora as crônicas de Genolino – e aconselho a todos que as releiam, pois são de uma categoria literária que não morre – é conhecer um Rio de Janeiro imortal. Inclusive porque, lendo-as, descobrimos que o Rio não mudou tanto assim. Há mais violência?, mais população? Sim. Carros demais nas ruas? Sim. Há filas maiores? Há. Mas ficou um certo espírito, um modo de ser que foi assunto de Genolino em muitas de suas crônicas. O Rio conservou um jeito de olhar o mundo e o considerar, de ser parte dele e atingir com isto um bem-estar que se aproxima da felicidade.

Dentre suas crônicas, uma há que revela não só o lirismo do seu estilo mas também o sentido poético de um escritor que compreende os sentimentos de um poeta. É a crônica chamada “O amor do velho Raimundo”, apresentada por César Ladeira em novembro de 1944 e publicada mais tarde no livro *Um pássaro ferido*. Como falar de um autor sem lhe dar um texto que o mostre exatamente como era? Este é o texto:

~ O amor do velho Raimundo

Homem de vida simples e discreta, incapaz de abrir o coração em mesas de café, como era costume na boêmia sentimental da época, Raimundo Correia deixou passar em branca nuvem a história de seus amores. Sabe-se, todavia, que uma grande paixão existiu na alma do poeta. Inspirou-a um humílimo pé

de sabugueiro, plantado no quintal da sua casa, a debruçar-se florido sobre a janela do aposento em que, nas longas horas da noite, a inspiração visitava o bom juiz, obrigando-o a trocar os autos pelas rimas.

Em ligeira página, conta Afrânio Peixoto esse estranho idílio. Foi um enamoramento que os anos, os cuidados e a própria glória do artista não puderam amortecer. Encantava-o sempre a doce árvore, a cuja sombra compunha sonetos. Como um colegial aos primeiros ardores românticos da adolescência, palpitava entre os sustos e as alegrias daquela ternura, daquele constante bem-querer. Cada nova floração era uma festa. Reencontrá-la, rumorosa de cantos na manhã recente, consolava-o de todas as tristezas. Dentro dele também gorjeavam todos os pássaros da terra, só de vê-la feliz, sorrindo ao sol. Muitas sentenças misericordiosas deve ter sugerido ao lírico magistrado aquele pé de sabugueiro, na piedade que ao peito dos homens traz o amor contente.

Mas, certa vez, quase que Raimundo Correia enlouqueceu de tanta angústia. A árvore adoecera. Ia perdendo a seiva, tombavam-lhe as folhas, pareciam braços descarnados os galhos secos, as próprias aves fugiam daquela decadente imagem da flora. Em desespero o poeta foi até ao absurdo pitoresco de procurar um médico, para que receitasse a coitada. Para salvá-la, não confiando mais em ninguém, estudou botânica e jardinagem, valeu-se de toda espécie de adubos, inventou audaciosas terapêuticas, e afinal, como alguém que visse renascer a noiva agonizante, acompanhou com infinito carinho a convalescença da sua bela amada.

Essa curiosa anedota de nossa vida literária voltou-me à lembrança quando eu vim a saber que ontem se inaugurou a herma de Raimundo Correia no Passeio Público, onde já são mais os bustos do que as árvores. Entretanto, como ainda restam ali algumas de esplêndido aspecto, receio muito que a alma do sonetista, presente em sua pequenina estátua, chegue um dia a enamorar-se outra vez. Pois não creio que seja uma paixão venturosa. Pelo contrário, dela podem resultar sofrimentos e amarguras sem conta. Até já sinto pena do suavíssimo Raimundo.

Porque é velho hábito nosso sacrificar a arborização nos mais lindos parques. O próprio Passeio Público oferece a tal respeito o melhor exemplo. E quem ousará garantir que ainda não voltará a ser mutilado?

Penso nesta hipótese e me inquieto. É bem possível que um machado municipal decepe, amanhã ou depois, a árvore escolhida pelo poeta para outra afeição ingênua. Que será do seu amor nesta cidade onde tão pouco se ama o que há de mais amável em toda a natureza?



Imaginem esta crônica lida por César Ladeira, às oito horas da noite do Rio de Janeiro naquele tempo.

Diante de um escrito como este, vê-se que Genolino Amado escolheu bem o gênero em que abrigava a sua mensagem para os tempos de então. Era a época do rádio, a época de “Nós somos as cantoras do rádio”, que durou até fins da década de 40, quando a televisão se impunha nos Estados Unidos e na Europa.

Em viagem que fiz à Suécia em 1950, há mais de meio século, passei na volta uma semana em Londres e foi então que vi o meu primeiro programa de TV. Estive na BBC com um brasileiro que lá trabalhara e assisti à filmagem de uma história popular, que era o sucesso da época na Inglaterra.

Eu me pergunto: que tipo de literatura, de um homem só falando, foi mantido na televisão? O mais próximo que temos da crônica viva é a presença de Arnaldo Jabor no final do “Jornal Nacional”, e o que só acontece esporadicamente. Creio, contudo, que o tempo – com *t* minúsculo ou maiúsculo – não destrói o que está feito, ou melhor, o que foi feito em espírito de verdade.

O período em que o rádio predominou em nossa terra continua conosco; às vezes arquivado, quando a memória enfraquece; arquivado em imagens, discos, principalmente arquivado nesse objeto maravilhoso, o livro, neste que temas crônicas de Genolino Amado, indestrutíveis, coladas em páginas escritas e vincadas na memória do Brasil.

Genolino Amado foi um belo momento da crônica brasileira, um momento que não podemos esquecer, pois “país sem memória está morto e não sabe”.



Genolino Amado e a crônica literária

CARLOS HEITOR CONY

Senhor Presidente Alberto da Costa e Silva, senhor coordenador Evanildo Bechara, senhoras Acadêmicas Lygia Fagundes Telles e Nélida Piñon, senhores Acadêmicos, Senhoras e Senhores.

Os antigos recomendavam que fôssemos breves, para poder agradecer. *Esto brevis et placebis*. Eu vou ser breve mas não vou agradecer – tenho certeza disso – porque não tive tempo de preparar um texto melhor. De qualquer maneira o assunto me diz muito respeito, porque se trata de Genolino Amado, uma figura que admiro – à distância, porque não fui amigo dele, pessoal, fui mais ligado ao Gilberto Amado. Mas o jornalismo literário e a crônica, bem ou mal, são as duas vertentes que segui. Eduquei minhas filhas e eu próprio sobrevivi até hoje graças, em parte, ao jornalismo e, em parte, à literatura. De maneira que tenho uma certa afinidade, pelo menos com o assunto.

Para definir o jornalismo literário, vamos começar pelo substantivo, que é jornalismo. O que é o jornal? Antonio Olinto definiu muito bem, na conferência passada, que o jornal é um periódico, aquilo

Conferência proferida na ABL, no dia 16/7/2002, encerrando o ciclo de conferências em homenagem ao centenário do nascimento de Genolino Amado.

que é feito de período em período. Por mais que pareça incrível, Franz Kafka – que nunca foi realmente um jornalista, nem colaborou profundamente na imprensa – tem, no meu entender, a imagem mais perfeita sobre o jornalismo, que ele compara com um trem, porque o trem sai todo dia, num determinado horário, vazio ou cheio, e de uma determinada plataforma. Tem que sair e tem que chegar, seguramente, no seu destino. Se estiver cheio, tudo bem para a empresa. Se estiver vazio, ou com muitos lugares vazios, é prejuízo, porque o trem tem que sair com aqueles lugares vazios. Sem dúvida, em alguns países subdesenvolvidos, espera-se o trem encher, mas então seria mais uma espécie de pau-de-arara. Nos países civilizados, pelo menos na Praga de Franz Kafka, os trens saíam realmente na hora, muitas vezes com os lugares vazios.

O jornal é como um trem, dizia Kafka. Por quê? Porque tem que sair em determinado dia, ou todos os dias, mas com uma diferença básica: mesmo não tendo assunto, ele não pode sair vazio. Ele tem que encher aquelas páginas todas. Seja com anúncios, seja com qualquer assunto, inclusive com crônicas, embora a finalidade do jornal não seja exatamente esta. A prioridade do jornal é basicamente para as informações, as notícias. Mas as notícias têm um pouco, assim, de ridículo. Eu, que sou jornalista há muito tempo, defino a notícia com uma passagem de Eça de Queirós que gosto muito de citar, do personagem Jacinto de Tormes falando a José Fernandes, que veio da província. Estavam no palacete 202 do Champs Elisées e Jacinto mostrava-lhe as maravilhas todas: água embutida, ar refrigerado naquela época. De repente, começa a surgir alguma coisa dentro do gabinete. Zé Fernandes se assusta: – O que é isto? Jacinto ri: – Isto é um pneumástico. “Pneumástico” é uma espécie de ancestral do e-mail, um tubo subterrâneo que mandava uma espécie de lata de coca-cola, dentro da qual vinham mensagens. Então vinham telegramas com notícias. Jacinto tranqüilizou o amigo, abriu a lata e tinha um telegrama: a fragata tal acaba de chegar ao porto tal. E Zé Fernandes pergunta: – Ah, sim? A tua mãe vem nele? Jacinto responde: – Não, não vem. E Fernandes continua: – Mas vem alguma coisa para você? – Não, não vem nada. – Mas, por que você recebeu isto? Jacinto responde: – Não é nada, é uma notícia.

O jornal é isto. Ele procura ser uma notícia. Agora, evidentemente, ao contrário dos trens, não pode sair vazio. E para encher um jornal há uma porção de coisas. Aí, então, entrou a necessidade de fazer com que o produto, que no início era apenas uma notícia, seja uma crônica. Volto mais uma vez a Antonio Olinto, que falou sobre a crônica nos séculos XVI e XVII, quando a crônica era, digamos assim, um gênero-bonde, um gênero-ônibus, onde tudo cabia com o nome de crônica. Hoje, a crônica ficou sendo uma outra coisa. É um produto. Esta é uma opinião minha, que vivo da crônica – então não é uma restrição a Genolino Amado, nem aos cronistas presentes, porque todos nós aqui já cometemos este crime de escrever eventualmente uma crônica –, mas a crônica não deixa de ser um gênero de subliteratura e de subjornalismo.

Por quê? Porque ela é muito condicionada, é muito datada. Ela precisa ser datada. Dirão alguns: – Não! Há crônicas admiráveis, de Machado de Assis... Mas eu pergunto: – Se Machado de Assis não tivesse escrito os grandes romances dele, aquela série final de romances, *Dom Casmurro*, *Memórias póstumas, Quincas Borba*, que é o meu preferido, o que seria ele como cronista? Seria um João do Rio melhorado, um Humberto de Campos mais consistente, mas não seria o Machado de Assis que nós admiramos.

Agora, todos os jornais, não só no Brasil mas no mundo todo, publicaram textos literários. Não podemos esquecer, por exemplo, que foi no jornal que Manuel Joaquim de Almeida publicou as *Memórias de um sargento de milícias*, foi num jornal que saiu *O Guarani*. Josué Montello conta, num dos seus Diários, que no Maranhão as pessoas esperavam o jornal na estação para poderem ler os capítulos que iam saindo do *Guarani*. Seria, então, um jornalismo literário? Não, não era jornalismo literário. Eram trechos de romance publicados em jornal, e não crônica propriamente dita, tal como hoje nós entendemos. A crônica hoje, tal como a fazemos, é um gênero metade jornalismo e metade literatura. Fica no meio-termo – o que não deixa de ser um pouco suspeito.

O jornal precisa basicamente de uma notícia. Nos tempos em que não havia imprensa, antes de Gutemberg, havia necessidade de as notícias serem transmitidas, havia os arautos, havia os tambores, havia os índios que faziam aquelas

fumaças, havia muitas maneiras de comunicação. Com os tipos móveis de Gutemberg, a comunicação ficou mais fácil. Mas ainda assim os primeiros jornais eram apenas noticiosos, ou seja, não tinham a preocupação de serem fonte de lazer. Transmitiam a notícia pura e simples, aquele fósforo que risca, ilumina e apaga-se – aliás, esta é uma comparação de Guimarães Rosa. Ele diz que a anedota e a crônica, em si, são como o fósforo que se acende, ilumina e apaga-se, e não pode ser usado uma segunda vez. No dia seguinte o jornal não serve nem para embrulhar peixe, porque hoje em dia a Saúde Pública proíbe. Antigamente juntávamos jornais e íamos vender no açougue, e o açougueiro embrulhava a carne com jornal – eu mesmo vendia muito. Meu pai era assinante de jornais, eu juntava e vendia, fiz muita economia com os jornais que vendia em açougues. Hoje não se pode fazer isso mais.

Vou dar um pulo, agora, temerário: pode-se dizer que as famosas teses que Lutero afixou às portas da catedral de Witenberg, em 1517, rompendo com o papado, não deixam de ser um pasquim, no sentido em que o *pasquino* italiano o fazia, ou seja, davam uma notícia. Lutero voltou de Roma escandalizado com os pregadores que vendiam indulgências, afixou suas teses na catedral de Witenberg, e isso marcou o início da Reforma. Ou seja, o início do mundo moderno foi uma notícia que se espalhou – o que contradiz um pouco Eça de Queirós. Roma tomou conhecimento da notícia de Lutero, evidentemente, e o que veio depois nós conhecemos através da História.

Então, a notícia é muito importante. Mas as próprias notícias são poucas. Um jornal não pode viver só de notícias, notícias frescas, notícias importantes – como foi a de Lutero, que mudou o mundo. Mas nem todos os dias os jornais têm notícias que mudam o mundo, nem notícias que não mudam nada, mas os jornais são obrigados a sair. Então começaram a aparecer espaços vazios, espaços ociosos dentro do jornal, que foram preenchidos com ilustrações, quadrinhos. E escritores – dentre os quais nem todos tinham capacidade para escrever romances – como Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar, Coelho Neto, publicaram seus primeiros livros nos jornais. Os que não tinham capacidade para escrever romances começaram a apelar para textos menores.

Naquele tempo via-se o jornalista como um escritor frustrado, mesmo os bem-sucedidos. Aí eu volto para Lima Barreto, que tentou um emprego estável no jornal e não conseguiu. Então escreveu as *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, que é um retrato fabuloso do jornalismo daquela época, e que não é muito diferente do jornalismo de hoje. Quem lê o livro de Lima Barreto sabe exatamente o que está se passando na redação do jornal *O Estado de S. Paulo*, da *Folha*, do *Jornal do Brasil*, do *Globo*, porque, na verdade, nada mudou. Mudaram as coisas datadas, e o que não é datado ainda é atual.

O jornalista, como escritor frustrado, começou então a fazer “preciosidades”. Nós podemos citar, nesse caso, o próprio João do Rio – não quero com isso dizer que João do Rio seja um escritor frustrado. Ele é considerado um cronista, o que me parece um erro, porque os grandes livros de João do Rio não são crônicas, são reportagens, muito bem feitas por sinal. *A alma encantadora das ruas* é uma reportagem, não é uma crônica.

A reportagem pioneira, no meu entender, seria a de Raul Pompéia. João do Rio não chegou a escrever nenhum grande romance, enquanto Raul Pompéia escreveu o grande romance que é *O Ateneu*, considerado um dos cinco maiores romances brasileiros. Raul Pompéia fez a melhor reportagem publicada no Brasil, que foi “A última noite do Imperador”, quando o Imperador sai de São Cristóvão, toma a fragata e vai para a Europa. É um texto que figurava nas antigas antologias, de Carlos de Laet, de Fausto Barreto. Volta e meia eu releio esse texto, porque não só é muito bem escrito, mas é uma lição de reportagem. E Raul Pompéia não era um repórter, no sentido moderno da palavra, ele era basicamente um romancista. “A última corrida de touros de Salvaterra”, do português Rabelo, é uma outra reportagem. Eventualmente, esses jornalistas-cronistas faziam boas reportagens. Não há dúvida nenhuma que tais reportagens ficaram, mas não eram crônicas, eram reportagens. Eu considero João do Rio, basicamente, um repórter, genial, talvez o melhor de sua época.

Um cronista mesmo, como hoje o temos, no Brasil, seria Humberto de Campos, que foi citado tanto pelo Arnaldo Niskier quanto pelo Antonio Olinto. Humberto de Campos teve uma popularidade que nenhum outro es-

critor teve. Quando ele morreu, em 1934, o comércio do Rio de Janeiro fechou. Por quê? Porque todo mundo se interessava por ele. Ele tinha uma empatia com o público, além de escrever muito bem. Mas ficou como um escritor eminentemente datado, embora tenha algumas crônicas maravilhosas, de que a gente gosta até hoje, sobretudo no seu livro de Memórias. Ficou datado e hoje não se publica mais. A editora inglesa W.M. Jackson, que editava enciclopédias, veio para o Brasil apenas para publicar Humberto de Campos, aquelas Obras Completas que, naquele tempo, todo mundo comprava. Entrava-se em qualquer casa, na Paraíba, no Piauí, e tinha lá a coleção completa das obras de Humberto de Campos. Ele tinha uma popularidade como nenhum outro escritor teve, em vida, porque escrevia crônicas, que agora são vazias.

Agora, então, podemos voltar àquele princípio, que a crônica em si é um gênero de sublitteratura e um gênero de subjornalismo. Ainda voltando para o jornal – parece que eu, como jornalista, estou cuspidando no prato onde comi – falei há pouco que o documento que formalizou o mundo moderno foi uma notícia feita pelo Lutero, que ele afixou na porta da catedral de Wittenberg, que marcou o início da Reforma. Mas não foi um jornal, era um desabafo pessoal de um monge agostiniano que se revoltou contra Roma e resolveu fazer uma reforma.

No caso do jornalismo propriamente dito, eu diria, e sempre digo isso em palestras que faço em faculdades, dou como maior exemplo da expressão jornalística o texto do “J'accuse”, de Émile Zola. Quando estourou o caso Dreyfus, Zola já era um grande escritor, que muitos consideravam igual a Balzac, embora não o seja, tecnicamente. A série *Os Rougon-Macquart* é importante, mas não tem a grandeza da *Comédia humana*. Nem por isso Zola deixa de ser um grande escritor. Por ocasião de sua morte, Victor Hugo fez um famoso discurso, reconhecendo que ali morria um monumento da consciência humana. E não foi por causa da obra literária, mas por sua atuação no caso Dreyfus.

Quem encomendou o texto do “J'accuse”? Clemenceau, deputado que mais tarde seria Presidente do Conselho. Zola, que já tinha escrito praticamente 90 por cento de sua obra, não era um jornalista. Era um autor consumado e vivia sua decadência como romancista. Mas ele mandou para o jornal um texto inti-

tulado “Lettre à Monsieur Félix Fauré, Président de la République”. Clemenceau leu a carta, ficou entusiasmado, mas achou que o título estava errado. E disse a Zola que o título seria “J’accuse”, expressão que estava na parte final da carta. Qualquer redator, qualquer pessoa que tem um mínimo de vivência de jornal compreenderia que ali estava o título do artigo que mudaria o destino de Dreyfus e a própria história da França. É uma sucessão de parágrafos que assim começam:

“Acuso o tenente-coronel du Paty de Clam de ter sido o forjador diabólico do erro judiciário, [...].

Acuso o general Mercier de se haver tornado cúmplice, [...].

Acuso o general Billot de ter tido entre as mãos as provas incontestáveis da inocência de Dreyfus [...].

Acuso o general de Boisdeffre e o general Gonse de terem se tornado cúmplices do mesmo crime, [...].

Acuso o general de Pellieux e o comandante Ravary de terem procedido a uma investigação criminosa. [...].

Acuso três peritos das caligrafias, os srs. Belhomme, Varinard e Couard de terem apresentado laudos falsos e fraudulentos, [...].

Acuso o Departamento de Guerra de ter empreendido pela imprensa, especialmente no *Éclair* e no *Écho de Paris*, uma campanha abominável [...].

Finalmente, acuso o Primeiro Conselho da Guerra de ter violado o direito ao condenar um acusado com base em documento secreto, [...].”

É evidente que aqui está o título do artigo. Zola, como não era jornalista, não o percebeu, mas Clemenceau, que era também jornalista, sentiu e colocou “J’accuse” como título. Vê-se então que o jornalismo, apesar de todas as restrições que se possam fazer a ele, tem seus momentos, tem sua oportunidade.



Falemos então sobre o que seria a primeira parte, sobre Genolino Amado — até aqui falei sobre o jornalismo literário. Genolino Amado foi um jornalista?

foi um escritor? Eu diria que foi um escritor e um jornalista, e sobretudo um cronista e tradutor. Ele começou traduzindo autores ingleses. Até alguns anos antes, desde Machado de Assis, prevaleciam as traduções de autores franceses. Mas Genolino Amado, ainda moço, tinha idéia da importância da literatura inglesa, como cultura e como mercado – não no sentido pejorativo, mas no sentido de comunicação. Ele era um comunicador. Não havia essa palavra naquela época, mas se tivéssemos que definir, hoje, tecnicamente Genolino Amado, ver-se-á que ele foi um grande comunicador. Não foi à toa que ele traduziu a peça *Chuva*, de Sumerset Maughan, traduziu *A cidadela*, de Cronin – leitura obrigatória para nossa geração. Sua capacidade de traduzir foi tão grande que quando José Olympio precisava traduzir as memórias de Chaplin, *História de minha vida*, um livro de mais de 600 páginas, no prazo de uma semana – por exigência da editora norte-americana –, ele chamou uma equipe de tradutores: Rachel de Queiroz, que traduziu os capítulos I a 7, Magalhães Júnior, que traduziu os capítulos 8 a 16, e Genolino, do capítulo 17 a 47. Ou seja, ele traduziu 30 capítulos no mesmo período em que Rachel traduziu sete e Magalhães Júnior oito capítulos. Não quero com isso dizer que não sejam grandes tradutores, mas apenas mostrar a força de trabalho de Genolino.

Dirão que foi um trabalho de tradutor, não de escritor. Mas é de escritor, sim, um escritor que não pôde se realizar porque aceitou sofrer à sombra do irmão e a ele se dedicou. Era Genolino que datilografava os originais de Gilberto Amado. Sem fazer nenhuma restrição a Gilberto Amado, todos nós sabemos o quanto ele era vaidoso, como ele era cioso da sua glória. Genolino se colocou a serviço da glória do irmão e com isso ele se prejudicou bastante. Mas mesmo assim, deixou o seu recado.

Tanto ele foi um bom comunicador que, quando começou a surgir a era do rádio, uma comunicação mais imediata que a da imprensa, ele foi um dos primeiros, se não o primeiro escritor consumado, definido e reconhecido que foi para o rádio fazer crônicas. E o público ouvia essas crônicas lidas. Eu tinha uma tia-avó, minha madrinha, que ouvia Genolino Amado pela voz do locutor César Ladeira. Quando este, certo dia, estava fazendo um reclame, ela estra-

nhou e disse: — Mas esta voz tão bonita anunciando pílulas do Dr. Ross!, porque ela estava acostumada a ouvir César Ladeira lendo as crônicas de Genolino Amado. Então ela ficou irritada, porque tinha uma fidelidade ao conteúdo do que o César Ladeira lia.

Genolino Amado continuou também escrevendo livros, alguns importantes. Teve uma vida funcional intensa, foi diretor da Censura — mas isso não quer dizer nada, porque ele não foi absolutamente um truculento, não foi diretor do DIP, e sim da Agência Nacional já na época constitucional de Getúlio Vargas. Não pertenceu, portanto, àquele famigerado time de Amílcar de Menezes. Não se tem conhecimento de nenhuma truculência praticada pelo Genolino Amado.

Já mencionei que ele foi sacrificado pela sombra de Gilberto Amado, mas o foi em termos, porque ele próprio se submeteu a isso. Se tivesse que salvar um original de Gilberto ou um dele, ele sacrificaria o dele próprio, porque ele tinha uma admiração muito grande pelo irmão. O que fez muito mal ao Gilberto, porque acreditou muito nessa admiração.

Ainda assim Genolino tem uma obra vasta, que não foi devidamente estudada. Teve esse poder de comunicação muito grande na época. Agora, há um detalhe que acho muito simpático, que merece talvez um estudo ou mesmo até uma ficção em torno disso: ele não se chamaria Genolino, mas Geno. Os pais de Genolino, nascido no Sergipe, deram o nome de Genoline à primeira filha, e ela morreu criança. Depois, quando nasceu o filho, deram-lhe o nome de Genolino, de uma certa forma transferindo para ele a filha que havia morrido. Ele, evidentemente, tomou conhecimento desse fato, tanto que nas primeiras crônicas que escreveu adotou o pseudônimo de Geno, levado por Menotti del Picchia para o *Diário de São Paulo*.

No fim da vida dele, já adentrado nos seus setenta anos, como acontece com os escritores em geral, quis escrever alguma coisa de si mesmo. Ele escreveu, então, dois livros de memórias: *O reino perdido* e *Um menino sergipano*. Num deles, tem um texto antológico. Somente no fim da vida ele descobriu que as personagens mais constantes da vida dele eram meninas. Ele escreveu sobre Stefan

Zweig, sobre autores ingleses e americanos que eram completamente desconhecidos aqui, mas quando escrevia seus romances tinha um *leit motiv*, uma obsessão por meninas. Só no fim da vida ele entendeu o motivo disso.

Essa influência das meninas na obra dele só foi percebida por imposição do memorialista, quando mergulhou dentro de si mesmo. Só então ele se deu conta de que passara quase a vida toda sem compreender por que, em suas crônicas de jornal e de rádio havia um tema recorrente: o de meninas brincando de roda ou de boneca, meninas chorando, meninas sofridas, meninas atropeladas, meninas do Rio, meninas comparadas às de Itaporanga, Aracaju. Meninas, meninas, sempre meninas. Para ele, essa descoberta foi uma espécie de revelação de que, no fundo, ele passou a vida buscando a irmã nas meninas olhadas ou imaginadas.

Este texto – que é meu, mas acho muito bonito – define bem a sensibilidade de Genolino Amado.

Como eu prometi ser breve, e prometi não agradar, vou terminar aqui mesmo, agradecendo a atenção de vocês.